



SUMÁRIO

Diálogo entre textos.....	3
Memórias e temporalidades em história.....	21
Uma investigação sobre o método da modelagem no ensino da matemática.....	41
Vida dos santos: instrumento de conquista espiritual e material na América do século XVI.....	58
Estudo de fatores de risco para DST/AIDS com adolescentes de uma escola estadual do município.....	72



DIÁLOGO ENTRE TEXTOS

Adriana Juliano Mendes de Campos¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre formas contemporâneas de tratamento da linguagem e de observação das vozes presentes nos textos. O estudo analisa o diálogo que se estabelece entre obras de diferentes épocas e autores, explicitando pressupostos teóricos do dialogismo bakhtiniano, da polifonia, segundo Ducrot e da Intertextualidade conforme Kristeva.

Palavras-chave: Dialogismo, Intertextualidade, Linguagem, Polifonia.

PRIMEIRAS PALAVRAS

“ No conjunto, o formalismo desempenhou um papel fecundo. Ele trouxe à luz os problemas essenciais da ciência literária e isso de um modo tão agudo que já não se pode mais doravante contorná-los ou ignorá-los”.

Bakhtin

O século XX desencadeou a arrancada definitiva na trajetória de acesso à cultura e ampliação dos horizontes de leitura em diversos campos do saber. A indústria editorial tem dado mostras significativas de expansão, sobretudo no Brasil, com sua curta história de literatura e de universalização da alfabetização. Essa mudança suscitou alteração profunda nos modelos de ensino e teorias da aprendizagem e a definição de novos rumos para o estudo de língua, literatura e cultura.

O referencial teórico desenvolvido contemporaneamente congregou visões que concebem a literatura como fenômeno histórico, social e estético, ao mesmo tempo. Por esta razão, têm-se percebido uma forte tendência a associar linguagens, explorando as capacidades sensitiva e simbólica do leitor. O recorte efetivado nas produções artísticas para fins de estudo reflete essa ebulição nos paradigmas culturais, iniciada, a rigor, no simbolismo e, posteriormente, com a vanguarda européia.

A estrutura poética se alterou profundamente, em especial na forma, deslinearizada, caótica, potencial e em perspectiva. Os estudos clássicos do texto já não eram suficientes para apreender a abertura polissêmica. A interpretação dos textos

¹ Doutora em Teoria da Literatura pela UNESP/IBILCE – S.J.Rio Preto, 2006, Mestre em Literatura Brasileira pela mesma instituição, 2000. Docente do Departamento de Letras do UNIJALES em Língua Portuguesa. ATP de Língua Portuguesa na Diretoria de Ensino – região de Jales a partir de 2000.



literários, por muito tempo padronizada pelo modelo unidimensional, considerava, isoladamente autor e, posteriormente, obra. Tratava-se das críticas biográfica e poética, respectivamente. Foi, entretanto, fundamental, a partir daí, considerar os papéis do leitor e do contexto nas análises que, ao contrário da dissociação, promoveram a integração.

A crítica e a teoria contribuíram indubitavelmente para a compreensão do objeto estético, possibilitando uma visão verticalizada dos efeitos e constrangimentos das obras por meio de diferentes abordagens. Estes foram seus papéis no século XX: ampliar os domínios do conhecimento literário e possibilitar uma visão mais precisa e afiada das regras de construção do objeto estético.

Herdeiras do formalismo russo, que rompeu com as disciplinas extraliterárias como a história, a filosofia e a sociologia, as teorias tomaram como princípio a imanência, pela mobilização de elementos formais. Consideraram que o valor estético estava na renovação, na desautomatização e na desfamiliarização dos procedimentos de elaboração estética. Para os formalistas, o conteúdo era a motivação da forma. Seguindo esta base criativa, o estruturalismo de Praga propõe o estranhamento e o desvio como preocupação essencial da natureza sógnica da obra de arte opondo linguagem standardizada e linguagem poética, função comunicativa e função poética. O aspecto semântico da criação lingüística é resultado da estrutura e seu valor está na tensão.

Surgem outras teorias, advindas das anteriores, transferindo para o destinatário a decodificação do texto. A semiótica e a fenomenologia potencializam na percepção a totalidade sêmica. A concretização, princípio realizador da fenomenologia está em alcançar o todo pela harmonização das partes, em estruturas superpostas. Também a retórica e a semiologia apoiaram estas correntes. O leitor foi definitivamente admitido como criatura teórica pela Estética da Recepção que tem seu foco na fruição compreensiva. Jauss resgatou o historicismo e Rifaterre criou o arquiteitor.

As pressões sociais, políticas e econômicas diante do entreguerras fizeram com que o impacto da obra de arte se voltasse para os constrangimentos sociais. Por isso, as críticas marxista, psicológica e psicanalítica consideraram especialmente a arte em sua função reprodutora.

Os juízos de valor foram variáveis ao longo do tempo. Para Eagleton, valor é um termo transitivo. Significa tudo aquilo que é valioso para certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos, à luz de determinado

objetivos, quer sejam políticos, econômicos, culturais ou sociais. Classificar algo como literário é extremamente instável. Certas obras conservam seu valor através dos séculos à luz de nossos próprios interesses.

Para Iser, o texto apresenta uma estrutura de apelo que deveria ser manipulada pelo leitor, peça essencial da obra. Ainda nessa perspectiva, Jauss introduziu o conceito de atualização, procedimento que toma uma obra do passado a ser percebida no horizonte contemporâneo, por efeito da leitura. Os pontos de indeterminação da obra, segundo Ingarden, devem ser preenchidos pelo leitor.

Percebeu-se com isso, que o diálogo foi se estabelecendo como atividade freqüente na interpretação da obra de arte. Os caminhos e teorias inauguradas propuseram a dialética do ir e vir de um tempo a outro, de um texto a outro, de um autor a outro.

A teoria literária, preocupada com a recepção, se dividiu em três grandes campos intelectuais: a sociologia da leitura, o estruturalismo tcheco e o *reader-response criticism*, tendo o público como fator ativo do processo literário. A Literatura foi tomada como forma especial de comunicação; o leitor, entidade coletiva a quem o texto se dirige; a leitura o ato resultante dessa troca e a experiência estética, assim entendida, buscou seu efeito no destinatário. Desta forma, o desvio obra/autor/leitor foi claramente efetuado.

A consolidação do público burguês, no século XVIII, determinou o gosto da camada dirigente e a emancipação do escritor. Daí em diante, leituras populares e de massa foram surgindo para contestar a crença de que a arte é uma entidade autônoma e indiferente aos fenômenos sociais e históricos.

Hegel introduziu o conceito de espírito de época como unidade que a arte podia expressar fielmente. Luckács e Goldmann atribuíram à ficção a função de representar as estruturas sociais. O certo é que o consumo de textos se ampliou consideravelmente, surgindo correntes de políticas de popularização do livro e da leitura, com interferências no mercado da produção e difusão das obras, considerando o tempo de permanência de uma criação artística no horizonte de consumo do presente. Sua duração podia estar ligada à do prestígio de determinado autor.

A sociologia da leitura, desenvolvida por Escarpit estudou o fato literário do ponto de vista de sua circulação e consumo. O que restringiu sua contribuição à Teoria Literária foi que sua ótica empírica não procurava encontrar contrapartida na estética.



Tynianov, pelo desfiguramento das formas canônicas, sugeriu que as desfamiliarizações sucessivas, pela paródia ou pela evolução literária, impediriam que os gêneros poéticos e ficcionais se cristalizassem em formas fixas. A mutação constante efetuaria o processo de desautomatização. Supôs, deste modo, a atividade do leitor desde o princípio.

Sem dúvida, o pensamento teórico floresceu no século XX, seja por uma vertente ou outra: formalista, marxista ou recepcional. Adeptos de todas as correntes desenvolveram procedimentos de abordagem da obra de arte segundo sua filiação. Sintonizadas com o movimento sócio-cultural, as teorias e críticas expressaram a pluralidade desencadeada pelo homem moderno, de multivisões, multipercepções e produto de matrizes culturais marcantes.

Percebeu-se, então, o surgimento do diálogo da produção moderna com a do passado, por meio de releituras, pela intertextualidade, pela paródia, paráfrase e estudo das influências. A literatura comparada inaugurou este filão que aproximou textos de diferentes culturas a fim de pesquisar suas fontes e influências e determinar em que medida uma produção recebe ou se afasta de outras impregnações culturais.

DIALOGISMO E POLIFONIA

Um texto literário não resulta nem direta nem exclusivamente de uma língua natural, resulta, isso sim, de outro(s) texto(s) literário(s), seu(s) predecessor(es).

Tynianov

O conjunto das investigações de Michail Bakhtin teve como princípio o dialogismo, que considerava o diálogo entre os muitos textos da cultura, concebendo o espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro. *Dialogia* foi o termo que mais usou para descrever a vida do mundo da produção e das trocas simbólicas num universo composto de signos. Nesta visão, o texto foi considerado tanto objeto de significação, um tecido organizado e estruturado, quanto objeto de comunicação, de uma cultura cujo sentido dependia do contexto sociohistórico. Apresentou uma visão de conjunto, criticando as análises parciais, fossem internas ou externas, em favor do todo: organização, interação verbal, contexto e intertexto.

Bakhtin acreditou que o monologismo regia a cultura ideológica dos tempos modernos e a ele opôs o dialogismo, característica essencial da linguagem e princípio constitutivo, muitas vezes mascarado, de todo discurso. Para ele, o dialogismo era a condição do sentido do discurso.

O autor estabeleceu o conceito de *estatuto da palavra* (unidade mínima da escritura) que tinha como fundamento uma concepção espacial da linguagem poética, considerando-se as relações entre diferentes estruturas literárias definidas por três dimensões que se mantêm em constante diálogo: o *Sujeito da Escritura*, o *Destinatário* e os *Textos Anteriores*. O estatuto foi assim definido, segundo Josef (1980: 69), por dois eixos: Horizontal: sujeito da escritura – destinatário → instaura o diálogo. Vertical: texto - contexto→ instaura a ambivalência.(Fávero.In: Barros, 1999)

Para Bakhtin, como para Lifshitz e Lukács, a arte e, particularmente, a literatura, na medida mesma em que se dirigem a um outro, seu destinatário – o leitor, o público – e em que sua matéria provêm de um outro sujeito, destinador – a comunidade, a classe social do artista *é sempre um artefato de natureza social*. Nas palavras de B. Schnaiderman, que faz radicar nesse dado a noção de *poética sociológica* mencionada em um dos livros de Bakhtin:

Esse dialogismo fundamental é que tem de ser levado em conta em todas as abordagens da literatura. Em essência, a linguagem é sempre dialógica. O monologismo, isto é, a concentração da obra em torno da voz do autor, constitui um artifício de que este lança mão para centrar tudo em seu próprio núcleo ideológico. A tarefa do estudioso da literatura seria desvendar esse dialogismo essencial (Schnaiderman, 1979.In: Barros, 1999).

A obra teórico-crítica de Bakhtin dialogou com os excessos construtivistas do estruturalismo formalista e com os excessos conteudísticos e ideológicos do marxismo, contrapondo-se a ambos: de um lado à desconsideração dos contextos históricos de emergência do texto literário e, do outro, à concepção do marxismo vulgar.

O filósofo deslocou o centro de gravidade da teoria da literatura ao marcar sua posição relativamente ao problema capital das incumbências dela: a tarefa da teoria da literatura, para ele, não era nem pinçar, na obra literária, os “reflexos” da realidade extraliterária, como proclamavam os marxistas, nem chegar a descobrir como o texto foi construído, como queriam os formalistas – *era, antes, tentar compreender*



como ocorre, nos textos da literatura, a produção do sentido: como o discurso literário vem a significar o que significa.

Para Bakhtin, um texto possui sempre um sentido plural, o que já era preconizado pelos formalistas como Eichenbaum para quem *não apenas o pastiche, mas toda obra de arte é criada paralelamente e em oposição a um modelo qualquer. A nova forma não aparece para exprimir um conteúdo novo, aparece para substituir a velha forma que perdeu seu caráter estético.* (Eichenbaum, 1970)

[...] de todas as influências que se exercem na história da Literatura, a principal é a das obras sobre as obras”.(idem)

A idéia é a de que a literatura não está totalmente articulada, porém sendo incessantemente reconstruída. Interpõe-se aqui o conceito de polifonia ou do texto em em que se deixam entrever muitas vozes por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes.

Ducrot considera o dialogismo princípio constitutivo da linguagem e do sentido dos enunciados. Contesta a tese de unicidade do sujeito falante. Para sua teoria da polifonia, o sujeito que produz psicofisiologicamente o enunciado, aquele que diz eu ou o que origina os atos ilocutórios não são obrigatoriamente o mesmo. (Barros, 1999) Para o autor, a noção de história é recuperada pelo *topos*, princípio comum, crença da coletividade.

A intertextualidade na obra de Bakhtin é “ interna”, das vozes que falam e polemizam no texto, nele produzindo o diálogo com outros textos. Segundo Kristeva, *“qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação de um outro texto”.* (Kristeva, 1970)

Por tudo isso, o sentido de uma obra literária é fruto de uma construção dialógica.

INTERTEXTUALIDADE

Bakhtin é um dos primeiros a substituir o recorte estático dos textos por um modelo onde a estrutura literária não é/ não está, mas se elabora em relação a uma outra estrutura [...] Cruzamento de superfícies textuais, diálogos de várias escrituras [...] todo texto é absorção e transformação de outro texto. No lugar da noção de intersubjetividade instala-se a noção de intertextualidade.

Júlia Kristeva

Não só Tynianov tivera a intuição da intertextualidade conatural ao discurso literário. O germe disso já se encontrava no ideário dos formalistas e no mesmo ano em que saía a *Poética* de Bakhtin, imprimia-se o *Sobre a Teoria da Prosa*, de Chklovski, que afirmava que

a arte é feita para dar a sensação de coisa enquanto coisa que está sendo vista e não enquanto coisa reconhecida; o procedimento da arte é o procedimento da representação estranha: a arte é o meio de viver a coisa no seu processo de fazer-se; em arte, o que foi feito não tem importância. (Chklovski, 1973. Lopes, in: Barros, 1999)

De forma bastante resumida, podemos dizer que há relações de sentidos que se estabelecem entre o que um texto diz e o que ele não diz, mas poderia dizer, e entre o que ele diz e o que outros textos dizem. Essas relações de sentido atestam, pois, a intertextualidade, isto é, a relação de um texto com outros (existentes, possíveis, ou imaginários). (Orlandi, 1988)

A intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para produzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. Há de haver três processos de intertextualidade: a citação, a alusão e a estilização.(Fiorin, in: Barros, 1999).

A citação é o primeiro deles e pode confirmar ou alterar o sentido do texto citado. Ex:

Texto 1

Despojada do velho segredo de melancolia
Não é agora o golfão de sismas,
O astro dos loucos e enamorados,
Mas tão somente
Satélite.
(Bandeira, *Satélite*, in Obras Completas)

Texto 2

Há tantos olhos nela arroubados,
No magnetismo do seu fulgor!
Lua dos tristes enamorados,
Golfão de sismas fascinador.
(Raimundo Correia, *Plenilúnio*)

O poema de Bandeira altera o sentido do texto de Raimundo Correia, pois nega o sentido que este afirma. A citação também pode ser feita em outra semiótica.

Outro processo de relação intertextual é a alusão. Neste, não se citam palavras, mas reproduzem-se construções sintáticas em que certas figuras são substituídas por outras, sendo que todas mantêm relações hiperonímicas com o mesmo hiperônimo ou são figurativizações do mesmo tema. Ex: os dois primeiros versos da “



Canção do Exílio”, de Murilo Mendes, aludem aos dois primeiros versos da “ Canção do Exílio” de Gonçalves Dias.

Texto 3

*Minha terra tem macieiras da Califórnia
Onde cantam gaturamos de Veneza*

Texto 4

*Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.*

A alusão é percebida porque, nos dois poemas, há uma oração principal, constituída do sujeito “ minha terra”, do verbo *ter* na terceira pessoa do presente do indicativo e do objeto formado com um hipônimo de árvore, e de uma oração adjetiva introduzida pelo relativo “ onde”, cujo sujeito é um hipônimo de pássaro e predicado é o verbo cantar no presente do indicativo.

O texto de Murilo faz alusão ao texto de Gonçalves Dias para construir um sentido oposto ao do poema gonçalvino, para estabelecer uma polêmica com ele, pois o poema muriliano não celebra ufanisticamente a pátria, mas ironiza-a, vê-a de maneira crítica.

A estilização é a reprodução do conjunto dos procedimentos do “ discurso de outrem”. Representa o conjunto de recorrências formais tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo que produz um efeito de sentido de individualização. Há estilizações que mantêm relações polêmicas e contratuais com os textos. Daí percebemos a tendência para a paródia, assunto que trataremos em outro capítulo. As contratuais são as do tipo “ à maneira de”.

Na literatura também podemos verificar a intertextualidade de tema. Além da estética partilhada por um grupo de participantes de uma escola literária, há os temas comuns, fruto de idéias e concepções de uma época. Assim, tanto é possível encontrar temas universais, comuns na literatura, com tratamentos diferentes determinados pelo ideário da época, como temas muito particulares em certos momentos da história da literatura determinados por esse mesmo ideário. Estudar essas linhas comuns presentes nas diversas escolas literárias é reconhecer uma intertextualidade latente e expressa na superfície dos textos.(NICOLA, 2002)



No meio de vários caminhos

Texto 1

Nel mezzo del cammin di nostra vita
Mi ritrovai per una selva oscura
Chué la diritta via era smarrita.

Primeiro terceto do poema *A Divina Comédia*,
De Dante Alighieri (no original)

Tradução literal

No meio do caminho de nossa vida
Me reencontrei numa selva escura
Já que o caminho certo havia perdido.

Texto 2

Ao meio da jornada da vida, tendo perdido o caminho verdadeiro, achei-me embrenhado em selva tenebrosa. Descrever qual fosse essa selva selvagem é tarefa assim dorida que na memória o pavor renova. Tão triste que na própria morte não haverá maior tristeza. Mas para celebrar o bem ali encontrado, direi a verdade sobre as outras coisas vistas. Não posso dizer como ali chegara, pois quando deixei – inadvertidamente – o caminho certo, trazia entorpecida a consciência.

(ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Trad. Hernani Donato. São Paulo: Abril Cultural, 1981, p. 25 [Texto em prosa equivalente aos quatro primeiros tercetos reproduzidos acima]).

Texto 3

A meio caminhar de nossa vida
Fui me encontrar em uma selva escura:
Estava a reta mia via perdida.

Ah! que a tarefa de narrar é dura
Essa selva selvagem, rude e forte
que volve o medo à mente que a figura.

De tão amarga, pouco mais lhe é a morte.
mas, pra tratar do bem que enfim lá achei,
darei do mais que me guardava a sorte.

Como lá fui parar dizer não sei
Tão tolhido de sono me encontrava
Que a verdadeira via abandonei

(ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia – inferno* (ed. Bilingue) Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998 p. 25. (Quatro primeiros tercetos do poema)

Texto 4

Nel mezzo del cammin...

Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.

(BILAC, Olavo. *Olavo Bilac – obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.)



Texto 5

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

(ANDRADE, Carlos D. de. *Carlos D. de Andrade* – obra completa. 2 ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.)

Observamos no texto 1 uma referência a Florença, onde iniciou o Renascimento e onde o poema foi produzido, cuja média de vida da população variava entre 70 anos. O meio caminhar da vida, portanto, situava-se aos 35 anos. A musa de Dante foi Beatriz, uma das mais famosas do mundo ocidental. Percebemos ainda, quanto aos textos 2 e 3 que na poesia predomina a ordem indireta e na prosa, a direta.

No texto 4 há o casamento perfeito entre o que é dito e como é dito. O poeta segue a técnica do espelho EU X TU (1234 – 4321) . Nessa relação pessoal subjetiva amorosa, o passado apresenta um movimento de convergência e o presente, marcado verbalmente, apresenta o desencontro, o movimento de divergência.

PARÓDIA

Na paródia, a linguagem torna-se dupla, sendo impossível a fusão de vozes que ocorre em outros discursos: é uma escrita transgressora que engole e transforma o texto primitivo: articula-se sobre ele, reestrutura-o, mas ao mesmo tempo, o nega.

Josef

Paródia significa canto paralelo (de *para* = *ao lado de* e *ode*= canto). É linguagem que fala sobre outra linguagem. É possível, conforme Sant'Anna, distinguir não apenas paródia de textos alheios (intertextualidade), mas paródia dos próprios

textos (intratextualidade). Shipley, no seu dicionário de literatura, discrimina três tipos básicos de paródia: a) *verbal* – com a alteração de uma ou outra palavra do texto; b) *formal* – em que o estilo e os efeitos técnicos de um escritor são usados como forma de zombaria; c) *temática* – em que se faz a caricatura da forma e do espírito de um autor.

Modernamente, a paródia se define através de um jogo intertextual.

Segundo Josef :

O discurso da paródia é ambivalente: uma coisa está sempre na fronteira com o seu contrário, contradizendo-a, relativizando-a. Essa ambivalência do discurso da paródia revela-se pela comunicação entre o espaço da representação pela linguagem e o da experiência na linguagem (como correlação de textos). O texto se erige e se compreender a partir de sua própria estrutura. Torna-se possível a coexistência entre o interdito (representação monológica) e sua transgressão(o sonho, o corpo, o diálogo). (Josef, in Barros, 1999)

O discurso parodístico contém a estilização, o *skaz* estilizado e se converte em palco de luta entre duas vozes e, *como num espelho de diversas faces, apresenta a imagem invertida, ampliada ou reduzida “ arrastando o leitor para dentro ao mesmo tempo que o põe para fora”* .(Hayman, in Barros, 1999)

Tanto Tynianov (1919) quanto Bakhtin (1928) trabalharam apenas os conceitos de paródia e estilização. Procuraremos ampliar, na esteira de Sant’Anna, estes princípios, incorporando a eles os conceitos de paráfrase e apropriação.

De uma maneira geral, os autores que antecederam os dois formalistas definiam a paródia dentro de uma certa sinonímia. Aproximavam-na do *burlesco*, considerando-a como um subgênero. Mesmo autores mais modernos definem a paródia por contigüidade como mero sinônimo de *pastiche*, ou seja, um trabalho de juntar pedaços de diferentes partes de obra de um ou vários artistas.

Para Tynianov a estilização está próxima da paródia. Uma e outra vivem de uma vida dupla: além da obra há o segundo plano estilizado ou parodiado. Mas na paródia, os dois planos devem ser necessariamente discordantes, deslocados: a paródia de uma tragédia será uma comédia, porém, quando há estilização não há mais discordância, e, sim, concordância dos dois planos: o do estilizando e do estilizado. Da estilização à paródia não há mais que um passo; quando tem motivação cômica, ou é fortemente marcada, se converte em paródia.

Bakhtin introduz a fusão de vozes, que é possível na estilização ou no relato do narrador, porém, impossível na paródia, onde as vozes se colocam antagonisticamente.

É possível parodiar o estilo de um outro em direções diversas, aí

introduzindo acentos novos, embora só se possa estilizá-lo, de fato, em uma única direção – a que ele próprio propusera.

Ao contrário da paródia, não encontramos uma história do termo *paraphrasis* (que já no grego significava: continuidade ou repetição de uma sentença). Está do lado da imitação e da cópia. “ É a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita”. Em verdade, tanto a ciência quanto a arte e a religião usam da paráfrase como instrumento de divulgação. Mais do que efeito retórico e estilístico, ela é um efeito ideológico de continuidade de um pensamento, fé ou procedimento estético.

Segundo Sant’Anna, os conceitos de paródia, paráfrase e estilização são relativos ao leitor. Isto é: dependem do receptor. Se o leitor não tem informação do texto anterior achará na paródia ou estilização um disparate.

A paródia, por estar do lado do novo e diferente, é sempre inauguradora de um novo paradigma. A paráfrase, repousando sobre o idêntico e o semelhante, pouco faz evoluir a linguagem. Ela se oculta atrás de algo já estabelecido, de um velho paradigma. Na paráfrase, alguém está abrindo mão de sua voz para deixar falar a voz do outro.

Na paráfrase não há a tensão entre os dois jogadores, enquanto a paródia é uma disputa aberta de sentido, uma luta, um choque de interpretação. A paródia tem uma função catártica, funcionando como contraponto com os momentos de muita dramaticidade. O que um texto parodístico faz é exatamente uma re-apresentação daquilo que havia sido recalcado. Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. É um processo de liberação do discurso. É uma tomada de consciência crítica.

A paródia é um ato de insubordinação contra o simbólico. Difere da paráfrase na medida em que mata o texto-pai em busca da diferença. É o gesto inaugural da autoria e da individualidade.

Sant’Anna reformula os conceitos de Tynianov e Bakhtin pois chama a estilização de *efeito* que pode ocorrer tanto dentro da paródia quanto dentro da paráfrase. Para ele, a paródia é uma estilização negativa e a paráfrase, uma estilização positiva. Toma a paráfrase como *pró-estilo* e a paródia como *contra-estilo*. A relação do texto não é mais dualística, mas triádica. A estilização torna-se uma técnica geral e a paráfrase e a paródia seriam efeitos particulares. A estilização é o meio, o artifício, a técnica e a paródia e a paráfrase são o fim, o resultado; o efeito. Para o autor, a paráfrase

surge como *desvio mínimo*, a estilização como *desvio tolerável* e a paródia como *desvio total*. Na estilização não ocorre uma “traição” à organização ideológica do sistema como ocorre na paródia, onde há uma perversão do sentido original.

Sant’Anna propõe modelos de análise dos desvios efetuados no texto. Segundo ele, a paráfrase *conforma*, a estilização *reforma* e a paródia *deforma*. Há uma natural aproximação entre a estilização e a paráfrase, enquanto a paródia coloca-se num outro espaço.

A apropriação é um termo de entrada recente na crítica literária. A rigor, não foi ainda definido. Esta técnica chegou à literatura através das artes plásticas, pelas experiências dadaístas de 1916. Identifica-se com a colagem: a reunião de materiais diversos encontráveis no cotidiano. Já existia nos *ready-made* de Marcel Duchamp. Voltou a uso em torno dos anos 60 quando surgiu a *pop art*. Tão moderno, o procedimento usa de um artifício velhíssimo na elaboração artística: o *deslocamento*, próximo do *estranhamento* e do *desvio*. Estabelece um corte com o cotidiano, usando seus próprios elementos. Ao invés de representar, re-apresenta os objetos em sua estranhidade. Pode, então, apresentar diferentes graus.

A apropriação é uma técnica que se opõe à paráfrase e diverge da estilização. Nela, o autor não “ escreve”, mas articula, agrupa, faz bricolagem do texto alheio. Não escreve, transcreve. No caso da paródia, o que caracteriza a apropriação é a dessacralização, o desrespeito à obra do outro. Há uma reificação da obra do outro.

Com efeito, existe uma relação entre o surgimento da técnica da apropriação e aquilo a que Walter Benjamin chamou de “ declínio da aura” na obra de arte. Ou seja, desde que nossa sociedade entrou na era industrial e que se tornou fácil reproduzir um original através de foto, disco, cinema, xerox, *posters*, etc., houve uma alteração no conceito da própria obra de arte que deixou de ser aquele objeto único e insubstituível. Há, pode-se dizer, uma relação entre a apropriação e a sociedade de consumo. Nesta sociedade, os objetos assumiram o lugar dos sujeitos. O sujeito não é mais o centro. Indivíduos e objetos são descartáveis.

Para Sant’Anna, a paráfrase é o grau mínimo de alteração do texto e a estilização, o desvio tolerável. Entre elas há um parentesco evidente no eixo das similaridades. A paródia é a inversão do significado que tem o seu exemplo máximo na apropriação. A paráfrase é uma quase não-autoria. Já a apropriação é uma variante da paródia e tem uma força crítica.

Alfredo Bosi lembra que Hegel e Marx vincularam paródia à decadência: “A última fase de uma forma histórica mundial é a sua comédia (...)”. Com efeito, a arte do fim do século 19 foi conhecida como decadentista, e foi dela que surgiu a grande paródia que é a arte moderna.

Antonio Candido, estudando o Romantismo brasileiro, afirmou que este movimento puxou a literatura para temas e paisagens locais, usando linguagem mais natural, aproximada de nossos usos lingüísticos. Sob este aspecto, as diferentes formas de particularização foram importantes como fatores de democratização da literatura, inclusive atenuando o abismo que separava literatura erudita de literatura popular.

Segundo o autor, o relacionamento da literatura brasileira do romantismo com as literaturas matrizes da Europa pode ser sugerido por meio do estudo de três processos, implícitos na fatura dos textos, que podem ser denominados de maneira aproximativa *transposição*, *substituição* e *invenção*.

A *transposição* consiste em passar para o contexto brasileiro as expressões, concepções, lendas, imagens, situações ficcionais, estilos das literaturas européias, numa apropriação (perfeitamente legítima) que se integra e dá ao leitor a impressão de alguma coisa que é muito *nossa*, e ao mesmo tempo faz sentir a presença das raízes culturais. Como exemplo Candido cita o poemeto *Juvenília*, de Fagundes Varela, em que a atmosfera encantada de magia é obtida por meio de um arsenal que exprime outros contextos como “pérola de Ofir”, “fada”, “Silfo”. Porém, como isto é expresso numa atmosfera sentimental com a qual nos habituamos a considerar como própria, os elementos transpostos funcionam ao modo de ingredientes de um universo familiar, o que não surpreende se considerarmos que, apesar das alegações rituais do nacionalismo literário mais extremado, a nossa cultura dominante é a mesma que gerou aquelas imagens e entidades.

Silva Alvarenga, em gerações anteriores, transpusera esquemas estróficos e rítmicos tomados a Paolo Rolli e Metastasio para elaborar seus melodiosos rondós, que sempre pareceram corresponder ao que há de mais autêntico na sensibilidade brasileira.

Mas há casos em que a transposição parece inassimilável, como quando Bernardo Guimarães coloca flocos de neve nas árvores de certas paisagens de seus versos, sabendo-se que a sua experiência se refere à natureza tropical. No entanto, eles acabam funcionando porque evocam a paisagem dos países de onde nos veio a

civilização e que, portanto, a imaginação dos brasileiros incorpora como parte de um patrimônio que afinal de contas está nas suas raízes.

A *substituição* é, segundo Candido, um processo mais profundo do ponto de vista da linguagem e da interpenetração cultural. Nele, o escritor brasileiro põe de lado a terminologia, as entidades, as situações da literatura européia e as substitui por outras, claramente locais, a fim de que desempenhem o mesmo papel. Por exemplo: substituem o cavaleiro pelo índio, o fidalgo pelo fazendeiro, o torneio pela vaquejada, como se pode ver em “O Sertanejo”, de José de Alencar.

Assim, na introdução ao poema “Os Timbiras”, o gosto pelas ruínas é substituído pela descrição da aljava rota que pende dos ombros do índio vencido e vai deixando cair as flechas inúteis, simbolizando o fim da sua sociedade. A situação épica e os moldes de composição permanecem ajustados à prática das literaturas matrizes, mas os temas e as imagens foram substituídos, de maneira a produzir uma espécie de duplicação, que corresponde ao novo mundo natural e cultural.

Invenção é quando o escritor parte do patrimônio europeu para criar variantes originais, como ocorre num poema de Álvares de Azevedo, *Meu Sonho*, no qual ele fecunda o modelo da balada macabra de tipo alemão (como a “Lenora” de Bürger), deformando-o a fim de obter algo diferente. A balada se caracteriza por ser uma narrativa sobre personagens exteriores ao poeta; mas a de Álvares de Azevedo descreve o drama interior, elaborando imagens que projetam as tensões do ser, de modo a resultar um tipo novo de composição poética.

Essa transformação de um gênero narrativo em intimista pode ser considerada invenção, que todavia não apaga o laço orgânico em relação às literaturas da Europa, das quais a brasileira é um ramo.

Nesse sentido enxergamos um diálogo permanente entre literaturas, épocas e estilos, especialmente a brasileira, colonizada e nascida sob o signo da dominação. Foi, portanto, por meio de empréstimos ininterruptos que nos formamos, definimos a nossa diferença relativa e conquistamos consciência própria. Os mecanismos de adaptação, as maneiras pelas quais as influências foram definidas e incorporadas é que constituem a “originalidade”, que no caso é a maneira de incluir em contexto novo os elementos que vêm de outro.

CONCLUSÃO

Uma reflexão sobre os rumos que o estudo da literatura vêm tomando no Brasil, a partir do século XX foi o fator central que nos levou a dispender esforços no sentido de descrever o percurso teórico da análise literária no referido período.

A prodigiosa história das teorias e métodos foi o que pretendemos observar, não apenas cronologicamente, porém, destacando sua relação com a obra de arte e os conceitos fundamentais desenvolvidos em sua forma de tratamento.

A ordem de desenvolvimento desse enfoque procurou ser cronológica, considerando o surgimento das teorias e escolas ou mesmo sua coexistência. A contribuição dos russos, alemães, italianos, ingleses e americanos foi fundamental e inestimável num período de aproximações em que homens e idéias se cruzaram e derrubaram fronteiras.

O estruturalismo tcheco (1926) e o círculo lingüístico de Praga efetivaram o salto na direção da Semiótica, pois, o grupo que fundou o Formalismo Russo com Jakobson, Karcevski, Tynianov e Chklovsky, dentre outros, desde as teses de 1929, preocupou-se com o aspecto semântico da comunicação lingüística concebido como resultado da estrutura. A partir de 1934, a estética estrutural destacou a natureza sógnica da obra de arte, que prescindia da referência a qualquer situação externa. O signo estético foi tomado como fruto da duplicidade signo autônomo/ signo comunicativo.

Por volta de 1940, a interposição do código na percepção da obra inaugurou uma nova história da literatura, embasada na recepção, com a passagem da visão imanente da obra de arte para a sociológica, segundo critérios literários, ideológicos e sociais. A dialética da aceitação/ruptura marcou a evolução da arte e da literatura que passou, então, a ser concebida como fenômeno contínuo, em permanente transformação e admitindo um conceito estabilizador da tradição acumulada e uma estabilidade relativa, em permanente contestação.

Investigar o impacto das obras sobre o público passou a ser o eixo fundamental na principal tarefa da história da literatura, que deixou de ser a relação autor-época-criação, e transferiu-se para a esfera do consumo. Nesta visão, as formas de concretização de uma obra num certo período da história determinam sua recepção. A categoria semiótica ficou, então, sujeita as mudanças de época, classes e situações.

Norteados pelos novos rumos que os estudos literários e a crítica tomaram no séc.XX e vêm tomando, no tocante à coexistência das variadas modalidades de expressão e de interpretação artística, em diálogo, uma iluminando outra ou dela se alimentando, observamos os textos, pelo método comparativo, embasados no desenvolvimento teórico legitimado pela academia.

Na intenção de, em nossa pesquisa, contribuir para tornar viável uma relação mais sintonizada entre o espaço teórico-literário e a abordagem textual contemporânea, compreendemos o diálogo como movimento permanente na literatura e nos estudos de linguagem.

Se os textos vivem dialogando uns com os outros continuamente, é fundamental desenvolvermos a consciência de que os princípios de estudo devem resultar deste diálogo, como mostra a análise dos textos citados neste trabalho, indicando que entre eles existe recorrência não só temática como formal e ideológica, terreno em que não queremos adentrar.

Por estas constatações é possível estabelecer uma relação menos ingênua e mais crítica entre as obras. É natural sustentar jogos dialogais e movimentos que venham a criar, recorrer, reler e transformar as experiências literárias e estéticas.

Vimos que o procedimento paródico, as paráfrases e apropriações têm sido, após o Modernismo, princípios intensamente utilizados, variando os esquemas expressivos, em diferentes momentos, deles fazendo uma corrente contínua de alimentação da produção poética. Muitas vezes o escritor, num processo dialogal, cria, ironizando um texto anterior.

Enfim, uma série de experiências, que passam por diferentes instâncias: estilísticas, culturais, estéticas, temáticas e outras, sustentam a renovação contínua que é a produção literária, formando este diálogo às vezes interpolar entre autores que construíram o que chamamos de literatura.

Possibilidades de abordagem da obra literária são inúmeras, sobretudo na atualidade. Porém, o que decidimos percorrer foi o princípio do dialogismo referido às pesquisas bakhtinianas, entretanto, indicadas como já iniciadas pelos formalistas, especialmente, Tynianov, que teve a intuição da intertextualidade conatural do discurso literário e Chklovski, que concebeu a arte como *processo* contínuo.

Para caracterizar nossa visão dialógica da literatura desenvolvemos os conceitos de dialogismo e polifonia, intertextualidade e paródia, com suas bifurcações e desvios.



Para nós foi de grande relevância conhecer um pouco melhor o processo dialogal na literatura, tarefa a que deveremos dar continuidade em nossas investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. a partir do francês por Maria E. Galvão; ver.trad. Marina Appenzeller. 3ª ed. SP: Martins Fontes, 2000.
- BARROS, D.L.P de et al (org). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- BARTHES, R. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BRAIT, B. *Dialogismo e Construção do Sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. Trad. W. Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FREADMAN, R. *Repensando a teoria: uma crítica da teoria literária contemporânea*. Trad. Aguinaldo J. Gonçalves, Álvaro Hattnher. SP: Ed da Universidade Estadual Paulista, 1994.
- JAUSS, H. R . *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Trad. S.Telarolli. São Paulo: Ática, 1994.
- _____ et alii. *A Literatura e o Leitor*. (Coord. e Trad. Luiz Costa Lima) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JOBIM, J. L. (org). *Palavras da Crítica*. RJ: Imago. 1992 (Coleção Pierre Menard).
- SANT'ANNA, A.R. de. *Paródia, Paráfrase & Cia*. 7ª ed. SP: Ática, 2000.
- TADIÉ, J.Y. *A Crítica Literária no Século XX*. Trad. Wilma F.R. de Carvalho. SP; Bertrand Brasil S/A, 1992.
- WELLEK, R & WARREN, A. *Teoria da literatura*. Trad. J. Palla e Carmo. Publicações Europa-América, 1962.
- ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. SP: Ática, 1989.
- _____. *A Leitura e o Ensino da Literatura*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

Profª. Drª. Adriana Juliano Mendes de Campos
e-mail: adriana.campos@itecnet.com.br
UNIJALES – Centro Universitário de Jales – Unidade Central
Fone (17) 3622-1620
Av. Francisco Jalles, n.º 1.851
CEP: 15700-000
Jales - SP

MEMÓRIAS E TEMPORALIDADES EM HISTÓRIA

Léo Huber¹

Resumo: Este trabalho foi realizado com base em pesquisas sobre história e memória. Os sujeitos da pesquisa são especialmente trabalhadores rurais bóias-frias que participaram em movimento de reivindicação pelos lotes da Vila União em Jales/SP, para que estes fossem destinados a famílias que não tivessem moradia e enfrentassem dificuldades com o pagamento de aluguel. O tempo, aqui, é empregado enquanto dimensão importante das lembranças destes sujeitos, em que as mudanças e a transformação estão diretamente ligadas à sua condição, enquanto as perspectivas de dominação são apontadas para um tempo sempre mais longo. O passado é recomposto pela contemporaneidade, considerando a sociedade na qual está inserido e a forma como se dá esta inserção, sendo que estes elementos atuam na elaboração do discurso. Nesta pesquisa, foi possível observar como determinados locais se constituem em lugares de memória e ponto de referência, positivo ou negativo. Busca-se compreender que não são os monumentos ou documentos que constituem lugares da memória de um local, mas o valor e o significado que os sujeitos atribuem a estes suportes materiais, pois é na revitalização da experiência, nos sentimentos de rejeição ou pertencimento, no ir e vir dos sujeitos, nas suas tradições vividas, nos sentimentos, gestos e hábitos, nos ofícios em que se transmitem os saberes, nos movimentos da história que se cria a cidade-memória e tempos de uma história vivida pelos seres humanos.

Palavras-chave: memória, história, monumentos, temporalidades.

Este artigo é baseado em pesquisa desenvolvida com o uso de fontes orais num campo de produção teórica mais conhecida como “História Oral”. A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em gravar depoimentos de pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida e outros aspectos da história contemporânea. As fontes orais começaram a ser utilizadas nos anos 1950, logo após a invenção do gravador e foi introduzida no Brasil na década de

¹ Léo Huber, Mestre em História Social pela (PUC/SP), é professor na UNIJALES nos cursos de História e Serviço Social e na FAMA-Iturama/MG, nos cursos de Direito e Pedagogia.



1970. Foi, porém, a partir da década de 1990, especialmente com a criação da Associação Brasileira de História Oral, que mais cresceu. Nas reflexões desenvolvidas neste artigo, trabalho com algumas questões subjetivas que estão presentes nos depoimentos, como as ressignificações do passado, memórias e temporalidades.

A minha pesquisa pretende seguir na contramão daqueles que, em nome da harmonia, promovem o consenso, tentando eliminar vestígios. Para isso, dou visibilidade aos bóias-frias em Jales/SP, identificando-me com seus projetos, avaliando procedimentos constituídos por instituições de poder tais quais: Prefeitura, Delegacia de Polícia, Conselho Tutelar, Igreja Católica que, na sua reivindicação, subvertem aqueles projetos, para se afirmarem como sujeitos de direito, constituindo uma memória que refaz aquelas práticas a partir de seus valores e interesses.

No desenvolvimento da pesquisa e dos estudos que realizei, pude refletir sobre questões pertinentes ao meu trabalho e a problematização de muitas histórias e memórias. Para isso, identifico-me com formas teóricas que afirmam:

A memória constitui uma das formas mais poderosas e sutis de dominação e legitimação do poder. Reconhecemos que tem sido sempre o poder estabelecido quem definiu, ao longo do tempo histórico, quais memórias deveriam ser consideradas para que fosse possível estabelecer uma certa memória capaz de cunhar uma história certa.²

Essa forma de conceber e constituir memória pelo poder político institucional e grupos dominantes, no caso específico de Jales, passa por textos escritos por intelectuais ou órgãos da imprensa local que desconsideram bóias-frias e população pobre na reivindicação de direitos, por exemplo, da moradia. Ao longo deste artigo, recorro aos depoimentos destes sujeitos, moradores da Vila União, um bairro com famílias de baixo poder aquisitivo, formado na sua fundação especialmente por bóias-frias, que sofreram um intenso processo de rejeição por ocuparem uma área situada em região central da cidade, entendida pelas normas tradicionais não escritas da ocupação dos espaços urbanos como uma área destinada a outro grupo social, para identificar processos de elaboração da memória e diferentes abordagens das temporalidades.

² Projeto PROCAD: Cultura, Trabalho e Cidade. Muitas Memórias, Outras Histórias. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).



Esse movimento de elaboração de valores, memórias e temporalidades também não são únicos, e nem sempre, caminham numa única direção. Para se afirmarem como sujeitos, apropriam-se de valores dominantes e os assumem para não serem desqualificados, rejeitam por vezes o alcoolismo, a prostituição, o uso e o consumo de drogas, valorizam educação, saúde, criticam aqueles, que no grupo, se vêem igual a outro que rejeitam vizinhança porque assumem uma prepotência burguesa. A moradia, assim, para além do espaço físico, carrega marcos e símbolos sintonizados com trabalho, honestidade, caráter, comportamentos saudáveis de limpeza e higiene, contra a imagem constituída da favela comparada a lugar do crime, dos vícios, da ausência de trabalho e sujeira. Lixo e população pobre na favela são sinônimos, assim concebidos são descaracterizados como sujeitos que precisam morar em bairros os quais ofereçam infraestrutura básica de saúde, educação, transporte, lazer e comércio.

Na Vila União, há uma socialização forjada, indicando solidariedade de vizinhança, valorização da escola e do trabalho e negação do que se refere a preconceitos, discriminações. Nos relatos, além da fala que expressa experiência entre vizinhos, o núcleo familiar é valorizado como aspecto importante da moradia.

Nesse sentido, morar não é só se instalar e viver entre quatro paredes. A casa é patrimônio que permite a constituição de uma vida digna que deseja, também, reconhecimento dos outros.

Ao lidar com as narrativas e, portanto, considerar nelas o tempo enquanto dimensão importante das lembranças destes sujeitos pude perceber que a mudança e a transformação estão diretamente ligadas à sua condição, enquanto as perspectivas de dominação são apontadas para um tempo mais longo onde “os salários sempre são insuficientes”.

Ao trabalhar com a memória, parto da compreensão de construção da memória sem a pretensão de achar possível resgatar ou recuperar memórias que revelem um passado pronto e acabado. Isso porque, o relato oral, ao rememorar o passado, o faz a partir dos elementos que estão colocados no presente. Como as questões do presente se alteram constantemente, o rememorar é sempre um processo de construção do novo. O tempo destas memórias tem, por vezes, uma relação diferenciada do tempo cronológico, dentro de um diálogo próprio entre o sujeito e suas memórias. O passado é recomposto pela contemporaneidade, considerando a sociedade na qual está inserido e a forma como se dá esta inserção, sendo que estes elementos atuam na elaboração do discurso.



Ao investigar as narrativas, elas abrem a possibilidade de visualizar espaços, modos de trabalhar, morar, conviver e se inserir nos espaços urbanos, além de permitir a compreensão de como os moradores, no caso os da Vila União, projetam, disputam e constituem territórios nesses espaços, onde buscam seu reconhecimento e aceitação como sujeitos sociais. As lembranças narradas apontam para as modalidades de convivência em experiências que representam aceitação, conflito, enfrentamento dentro do bairro, na relação com outros bairros de perfil semelhante ou com populações portadoras de outros valores.

Nos fatos que vão sendo narrados, escolhidos ou criados é que percebemos os valores e os significados da moradia, da família, das relações urbanas, onde se disputam os lugares de lazer, trabalho, habitação, saúde, buscando o espaço de aceitação e pertencimento ao mesmo tempo em que se constituem experiências, elas se refazem, impondo um movimento permanente de compor e recompor, construir e reconstruir modos de vida.

Ao agir desta forma com as memórias, considero que as lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções livres, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta³. Essa forma de trabalhar com as memórias leva-me também a indagar sobre o que foi lembrado ou esquecido. Busco compreender, nas subjetividades, o que faz um determinado fato ser lembrado ou relatado, enquanto outros são esquecidos ou ignorados.

Ecléa Bosi, ao refletir sobre a sobrevivência do passado na memória, não a apresenta como total nem verdadeira:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é um sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi” e que se daria no inconsciente de cada sujeito (BOSI, 1995).

Nos relatos dos meus sujeitos de pesquisa, ex-bóias-frias moradores de um bairro pobre em uma região central, na função de historiador, procuro trabalhar

³ Ver mais em LOWENTHAL, David, “*Como conhecemos o passado*”, Projeto História, n. 17. São Paulo: Educ, 1998.

adequadamente as subjetividades e estou atento a questões como interpretações sobre fatos e, mesmo, a reconstrução de novos fatos para explicar o que ocorreu. Isso porque, no mesmo sentido que afirma Ecléa Bosi, Yara Aun Khoury nos diz que a narrativa é carregada de valores culturais, uma forma de ver e compreender o mundo e as vivências dos sujeitos, cuja compreensão deve ser buscada na dinâmica social em que se engendra e expressa (KHOURY, 2001, P. 85). Uma vez que os depoimentos são tomados no presente, a elaboração das memórias deve considerar as motivações desse momento.

Alistair Thomson também une estas questões do passado, presente e futuro:

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado; quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às identidades e aspirações atuais (THOMSON, 1997, P. 57).

Assim, ao estudar os depoimentos, como alerta Thomson, faz-se necessário estar atento ao que é do passado, ao que está sendo relatado com base no presente e o que são sonhos para o futuro. Na história da Vila União, esta observação é relevante porque estas famílias, migradas da zona rural para a urbana, onde passaram a ser bóias-frias, tiveram uma discreta ascensão em sua condição econômica e social, tendo, muitas delas, mudado sua ocupação de trabalho, sendo que, hoje, elas percebem ou relevam menos a situação de discriminação e preconceito, ou ainda, têm vontade de “esquecer” um passado mais sofrido, para tentar viver, no presente, uma situação de menor confronto e maior aceitação dos moradores da região central da cidade, detentores tradicionais do poder local.

Na preservação da memória, os suportes materiais não se constituem, individualmente, em lugares de memória. Para Pierre Nora, tem sido significativo compreender que não são os monumentos ou documentos que constituem lugares da memória de um local, mas o valor e o significado que os sujeitos atribuem a estes suportes materiais, pois é na revitalização da experiência, nos sentimentos de rejeição ou pertencimento, no ir e vir dos sujeitos, nas suas tradições vividas, nos sentimentos, gestos e hábitos, nos ofícios onde se transmitem os saberes, nos movimentos da história onde se cria a cidade-memória e tempos de uma história vivida pelos seres humanos (NORA, 1995).



Em minha pesquisa, foi possível observar como determinados locais se constituem em lugares de memória e ponto de referência, positivo ou negativo, para os moradores de um bairro. Ao lotear a área onde seria construída a Vila União, o planejamento previu que os moradores ficassem “escondidos” dos olhares de quem passasse nas proximidades, reservando a área que faz frente, com o que o Jornal de Jales afirmou ser os bairros nobres, para a construção de um Centro Espírita, uma área de lazer e outro espaço para a construção da Igreja Católica. Contudo, apesar dos três lugares terem sido pensados para cumprir a mesma finalidade, a visão dos moradores da Vila sobre eles, é distinta.

O Centro Espírita é motivo de protesto e condenação por parte dos moradores de Vila União, porque, segundo os membros da coordenação, quando foi proposta a sua construção, aquele Centro deveria ser uma creche para atender às crianças do bairro, o que não ocorreu. Restou somente a memória de que o mesmo serve para encobrir os moradores da Vila, gerando a indignação,

(...) porque simplesmente a Vila ia ficá quase dentro da cidade, ia ficá só marginal e bandido e maloquero e pingaiada aqui na Vila. Então, por isso ele cedeu este terreno aqui na frente, que é pro Centro Espírita ficá na frente da Vila prá tampá a sujeira que tava atrás, sujeira quer dizer mau exemplo, né, bandidaiada, banditismo, né, é isso que qué dizê, enfins, era um, estava desfazendo do ser humano, ele estava rebaixando o ser humano...⁴

“Seu” Leonildo expressa as duas sensações por ele percebidas sobre o propósito da destinação da área. Mesmo indignado, reproduz o pensamento dominante e a visão destes segmentos sobre as famílias do bairro. Sua indignação, porém, está baseada numa outra sensibilidade, a que vê o ser humano como portador de dignidade e merecedor de respeito, que não pode ser rebaixado. Percebe a criação de uma área “neutra”, afastando a vila dos bairros nobres, “ia ficá quase dentro da cidade”. Igualmente, expressa a intenção de encobrir, dizendo que “... pro Centro Espírita ficá na frente da Vila prá tampá a sujeira que tava atrás”. A Vila ficou no fundo, encoberta pela construção do Centro Espírita. Esta é claramente a marca na memória do presente, transmitida na fala de Leonildo, que revela tensões entre moradores da Vila União, os responsáveis pelo Centro Espírita na área e no poder público que também hostilizavam aqueles sujeitos.

⁴ Leonildo Antônio de Souza, ex-bóia-fria, atualmente é vigia noturno, membro da comissão de negociação pelos lotes da Vila União, em depoimento gravado no dia 09 de junho de 2001.



O Centro Espírita, mesmo prestando alguns serviços de caráter assistencial aos moradores da Vila União, por sua localização, acaba ofendendo e humilhando, porque cumpre a função de afastar e de esconder aquilo que, na visão de algumas pessoas da cidade e do Prefeito, que seu Leonildo definiu como “... sujeira quer dizer mau exemplo, né, bandidaiada, banditismo, né...”. Porém, para os moradores da Vila União, o que estava sendo afastado e encoberto aos olhos de todos eram suas famílias e suas casas, ainda que fossem famílias pobres e de casas pequenas, muitas delas não concluídas depois de quase duas décadas.

João Tomé, não deixa dúvida que, para eles, membros da comissão, a destinação da área era a uma creche. “...Nóis acreditava que lá ia sê uma creche. Até hoje, nós tem aquilo lá como uma creche... Todos os que moram lá, se você perguntá onde é a creche, é ali, ali se tornou creche, nem que não é, mas é sim (rindo)”⁵.

A fala revela que os moradores não abrem mão de continuar reivindicando direitos. O espaço do Centro Espírita lhes pertence de direito, porque é dessa forma que ele se apresenta em suas memórias.

As memórias de João Tomé marcam que a finalidade do terreno era boa, pois essa área seria para uma creche e não de encobrir a visão da Vila União. E João Tomé cita, como prova desta finalidade, a memória de todos do bairro que reconhecem aquela construção e sua área como sendo da creche. Recorre ao testemunho da memória de todos os moradores, para dar legitimidade aos seus argumentos.

É comum nesses depoimentos que o relato não seja realizado somente na primeira pessoa do singular, mas do plural nós, para dar destaque a uma ação que é coletiva e que reafirma uma identidade localizada na pobreza e luta contra uma versão que se pretendia correta para se transformar em dominante.

No embate entre as diferentes forças, a construção do Centro Espírita representou a vitória dos grupos que hostilizavam os moradores da Vila União. Ele passa a ser um símbolo de segregação e de divisão entre dois mundos em conflito, revelando versões diferenciadas de situações que envolvem a ocupação da Vila União.

Se, para os moradores do bairro, o Centro Espírita é um monumento de memória que lembra a segregação social, para o Dr. Luiz Carlos, membro dirigente do Centro Espírita, esse monumento tem outro sentido. Nas memórias do Dr. Luiz Carlos, num julgamento externo dele e do seu grupo, sobre as necessidades daquelas famílias,

⁵ João Tomé, ex-bóia-fria, trabalhador ambulante, membro da Comissão de Negociação das famílias mobilizadas pelos lotes da Vila União, em depoimento gravado em 22/05/2001.



concluíram ser mais necessário dar atendimento na parte de alimentação do ,que implantar a creche. Considerando a reação dos moradores, tal atitude não contemplou seus interesses.⁶ Possivelmente isso se deve à reação das crianças da Vila União ao depredarem o Centro Espírita, conforme marcam as memórias do Dr. Luz Carlos:

(...) Nós tivemos que murar na época..., porque as crianças praticamente destruíam tudo. Era muita criança. Então, eles eram muito agressivos na época...

Então, se você for entrar lá dentro do jeito que ainda tem até hoje, muitos vitrôs, tinham e ainda temos, umas proteções de metal, em cima e em baixo, que, antigamente, foi necessário colocar tela pra preservar vidros. Então, você calcula como era na época. Era necessária pôr tela pra proteger as vidraças, porque não deixavam um vidro.

As crianças aparecem, aqui, como sujeitos agressivos, mal vigiados, que desrespeitam o patrimônio do Centro Espírita, exigindo medidas extraordinárias de segurança.

O Centro Espírita não está identificado com as lutas daqueles moradores, ao contrário, ele representa aqueles que os hostilizam. Nestas memórias, religiosidade e educação fazem parte de um campo de disputas.

As memórias, em relação à localização da Igreja Católica, que também ocupa uma parte da área total, que deve cumprir a função de encobrir a visão do bairro, não são de rejeição, mas constitui-se em mais uma conquista e motivo de orgulho. Os posicionamentos físicos ,das duas edificações revelam muito da sua relação com os moradores do bairro: enquanto o Centro Espírita tem sua frente voltada para o centro da cidade ficando de “costas” para a Vila, a Igreja, planejada pelos moradores, tem sua frente voltada para o bairro e os fundos em direção ao centro.

Certamente, contribuiu, para a boa aceitação da Igreja, o envolvimento direto do Pe. José Janssem⁷ no acompanhamento da organização, mobilização e do apoio, na luta pela conquista dos lotes. Além disso, a Igreja foi construída em mutirão, com a participação direta dos moradores que realizaram festas para arrecadar recursos e campanhas para ajuntar o material necessário à construção. Essa participação faz com

⁶ Dr Luiz Carlos Barros Costa, 55 anos, Delegado de Polícia aposentado e professor universitário. É membro dirigente do centro espírita da Vila União, mas mantido por pessoas residentes, especialmente, na região central da cidade de Jales. Gravado no dia 05/12/2002.

⁷ Missionário Holandês que residiu mais de quarenta anos na Diocese de Jales, identificados com lutas populares como moradia e terra.



que a Igreja seja percebida como mais uma conquista do bairro e um ponto de identidade importante para seus moradores. Givanilde, ao falar do monumento à memória que representa a igreja, expressou-se assim:

A Igreja está quase na porta da minha casa, que é meu lugar, meu sossego. Pra mim isto é bênção e glória de Deus. Ali sabe o que precisa hoje, o Pe. José lá dentro. Isto seria uma maravilha, que eu visse aquele Padre... ele que tá ali, eu ia ficá mais contente, porque lutô junto com nós, este daí lutô, lutô com vontade, mas em todo caso não é bem como a gente qué. (...) Então eu acho que tem toda a riqueza aqui, na Vila União tem toda a riqueza, porque desde que nós lutô aqui, é Vila União, a grandeza tá aqui.⁸

Outra moradora do bairro, Maria Célia, sorteada com um lote, catequista e participante ativa da comunidade da Igreja Católica, que ajudou, tanto na consolidação da comunidade católica no bairro quanto na construção da Igreja, falou como foi este processo:

Bom, a Igreja, eu sempre participei da Igreja e quando mudei aqui, fiquei assim um mês, dois mês meio perdida que tava assim meio... e como eu sempre gostei de trabalhá, foi onde que eu tive conhecimento de um barracãozinho, de quatro pau e uma telha em cima (...) fomo construindo com bastante dificuldade, bastante doação, bastante... era mutirão, bastante mutirão direto. Fizemos duas salas onde também celebramos por algum tempo, depois e foi até que construímos a Igreja, que tá aí até hoje.⁹

A Maria Célia indica que o processo de construção da Igreja Católica ocorreu de forma semelhante ao da construção das casas e do surgimento da Vila. Primeiro, foi o barracão, depois, duas salas e finalmente a Igreja, mais uma grande conquista para o bairro. Tudo sendo feito de forma lenta, gradativa e com muitas dificuldades, para, depois de um longo tempo, chegar a um resultado mais definitivo.

Os depoimentos apontam que, na memória dos moradores do bairro, a Igreja Católica foi uma conquista. É, também, um sinal de unidade e grandeza. Enquanto eles já construíram a Igreja, Maria Célia destaca que outros bairros, mais antigos, ainda não a conseguiram:

⁸ Givanilde Maria da Silva, ex-bóia-fria, atualmente funcionária pública municipal na função de faxineira, foi membro da comissão de negociação pelos lotes da Vila União, em depoimento gravado no dia 26 de abril de 2001.

⁹ Maria Célia dos Santos, doméstica, catequista, moradora da Vila União desde a fundação, em entrevista gravada no dia 16 de junho de 2001.



Bom, pra nós que esperamos bastante tempo, as vez, você acha que foi rápido porque a gente sabe que aqui em Jales tem comunidade mais velha do que a gente e não conseguiu uma Igreja (...) lutamos até que conseguimos e foi gratificante pra nós, né, o trabalho que a gente teve vontade, foi um sonho que a gente realizô.¹⁰

Nas memórias de Maria Célia, de Givanilde e de outras pessoas ouvidas, não transpareceu qualquer elemento que sugerisse alguma indignação ou censura em relação à construção da Igreja do Bairro naquele local, ou até mesmo quanto à finalidade dada ao terreno. A igreja acabou se incorporando à vida do bairro como um ponto forte de identidade e de conquista dos moradores. Aquilo que, inicialmente, deveria servir como ponto de cobertura da visão do bairro, tornou-se uma conquista, um ponto de referência e um cartão de visita. O mesmo não ocorreu com o Centro Espírita, segundo a memória dos moradores. Este não cumpriu sua finalidade, tornando-se um corpo estranho ao interesse daqueles sujeitos. Enquanto os dirigentes do Centro Espírita tiveram que tomar medidas redobradas de proteção contra atos considerados como “vandalismo” e “depredação”, os moradores não apontam esse tipo de ocorrência contra a Igreja Católica, que fica totalmente exposta, sem nenhuma cerca que a proteja.

Morar em determinado espaço urbano é ser portador de determinada identidade. Silvana citou o peso do preconceito contra os jovens da Vila União: “Ser um jovem com muita dificuldade, muito preconceito. É sim um jovem de muito preconceito. Pelo lado negativo, é assim, porque tudo o que acontece é Vila União. Mas, ao mesmo tempo, é esta plantinha no meio do entulho, uma plantinha verde que quer crescer”¹¹.

O jovem da Vila União, além de ser visto com reservas, tem atribuído a ele “tudo o que acontece” de mau. Essa generalização não existe em relação às coisas boas que acontecem na cidade, mas é colocado no mesmo sentido já citado acima: do hábito de se atribuir os acontecimentos negativos como sendo de responsabilidade dos moradores dos moradores das periferias e, neste caso, aos moradores da Vila União. Contudo, Silvana não perde a esperança e vê a possibilidade de uma plantinha, teimosamente, crescer em meio a tantas dificuldades, o que para ela significa a esperança de que essa situação seja transformada no futuro. E sua narrativa, ao se referir

¹⁰ Maria Célia dos Santos, doméstica, catequista, moradora da Vila União desde a fundação, em entrevista gravada no dia 16 de junho de 2001.

¹¹ Silvana Vieira, 23 anos, é coordenadora do grupo de jovens da comunidade da Igreja Católica da Vila União. Entrevista realizada no dia 03 de maio de 2003.



“no meio do entulho”, indica, mais uma vez, a representação de outros, do jovem da Vila.

Se suas memórias de vítimas de preconceito ainda são um ponto relevante para os moradores da Vila União, as lembranças tornaram-se mais latentes, quando questionados sobre a forma como são vistos pelos moradores dos bairros centrais e de maior poder aquisitivo. Luciano narra que:

Aqui é, você pode analisar em duas partes. Metade da existência do bairro foi uma metade mal vista, porque, como foi uma coisa de mutirão, que um ajudava o outro e tal, então, veio muitas pessoas que, assim, miseráveis por assim dizer, que não teve uma estrutura de vida, não teve uma educação certa... Pessoas bem pobres que vieram pra cá, então, sempre tem a pessoa que às veis, em vez de ajudar, ela gosta de criticar. (...) E a gente andando na cidade, você que antigamente não conseguia nada. Hoje, andando na cidade, falando da Vila União, todo mundo... Até mesmo o futebol já teve uma fama de assim, violenta ¹²

Para Luciano, o fato de o bairro ser habitado por famílias muito pobres foi o que mais motivou o preconceito. Mas que, aos poucos, essas famílias, ou foram melhorando sua própria condição de vida, ou a prática da convivência cotidiana foi alterando a percepção sobre uma sociabilidade possível, entre os moradores da Vila e o conjunto da cidade. Hoje, aqueles moradores, e especialmente Luciano, conseguem o patrocínio de empresários para o time de futebol da Vila, que também já foi visto como violento e que se modificou, apontando para as diferenças das temporalidades.

Para José Antônio, um sinal de maior aceitação dos moradores do bairro é o fato de, atualmente, muitos procurarem casa para comprar e morar na Vila União:

Bom, sempre no começo foi. Mas, hoje, eu acho que todo mundo gosta da Vila União, inclusive muitas pessoa vêm na Vila União procurar casas pra morar. É o melhor lugar pra morar. Então, eu acho que, hoje, o bairro da Vila União está sendo bem visto, por todos nós, por toda a sociedade jalesense. Discriminação teve sim, mas só que, hoje, não tem mais, não. ¹³

Comparando com os outros bairros de Jales, Ana Aparecida não vê razão para a existência do preconceito, porque sua percepção sobre a maior quantidade de atos que

¹² Luciano Isidoro, 29 anos, Pedreiro. É dirigente do time de futebol da Vila União (segundo ele, “toma conta do time”). Entrevista realizada no dia 09 de maio de 2003

¹³ José Antônio dos Santos, 52 anos, ex-bóia-fria, atualmente é funcionário do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem. É Vice-Presidente da comunidade da Igreja Católica da Vila União. Entrevista realizada no dia 01 de maio de 2003.

poderiam ser reprovados pela lei, não são mais freqüentes na Vila União: “Não, não é maior. Eu acho que é discriminação mesmo. (...) sei lá, criou esta imagem e acham que isto aí existe, mas eu acredito que não existe... Eu não acredito, não... Acontece, mas eu acho que em todos os bairros acontece”.¹⁴ Os moradores reconhecem os problemas que ocorrem, mas entendem que os mesmos não são maiores, nem em quantidade superior ao que ocorre em outros bairros.

Quanto às famílias que moram na Vila, mesmo reconhecendo que há problemas, nas memórias de Givanilde, o que predomina são as pessoas direitas e honestas: “Aqui na Vila União, vou te falá, viu. Tem muita gente direito, falá a verdade... às veiz... não sei se é daqui mesmo ou se vem lá de fora... aqui tem muita gente direita, gente que eu conheço, gente direita, gente honesta...”.¹⁵

A narrativa afirma e confere dignidade àqueles sujeitos. Construiu-se, portanto, outra memória que desmente as versões dominantes.

Possibilitar os outros sujeitos comporem suas memórias, através do processo dialógico, outros modos de interpretar as mudanças históricas da cidade, ressurgem, pois, no modo como esses relembram os espaços do passado, reorganizam a composição de um lugar em diferentes temporalidades de suas vivências. Nesse sentido, interessa ao historiador:

(...) analisar o modo como esses narradores interpretam esse passado, se o traduzem como um tempo que lhe pertence e, portanto, torna-lhe visível nas suas referências que constituem as lembranças das transformações pelas quais passou aqueles lugares da cidade, ou expressa um sentimento nostálgico, como sendo um tempo que lhe fora roubado, já que nesse tempo a cidade significa o lugar da ausência daquilo que foi perdido (CALVO, 2001).

Sendo quem colhe seus depoimentos, sou identificado junto àquelas pessoas como alguém próximo de suas lutas e trajetórias, aliado no esforço de transformação de interpretações que os desqualificam. Por isso, recolher depoimentos foi também ganhar a confiança daqueles sujeitos. Assim, ao trabalhar com fontes orais, estou atento ao aprendizado permanente, num esforço significativo de perceber as falas dos sujeitos da pesquisa, não como um produto imutável, acabado em si mesmo, mas o resultado de construções da memória (THOMPSON, 1998), conforme aponta Ecléa Bosi:

¹⁴ Ana Aparecida Alves Vieira Bellon, em depoimento já citado.

¹⁵ Givanilde Maria da Silva, em depoimento já citado.



(...) a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1995, P. 55).

Considerando a afirmativa de Bosi, trabalhar com depoimento oral exige a perspectiva de lidar com a história em movimento, imposto pelas novas questões do presente, tentando atingir as experiências vividas como relevantes para as memórias e das ressignificações que são feitas. De acordo com Robert Perks e Alistair Thomson, é na relação passado e presente da memória que o historiador deve se ater: “Memória é, por definição, um termo que chama nossa atenção não para o passado, mas para a relação passado-presente. É porque ‘o passado’ tem esta existência ativa no presente que é tão importante politicamente”.¹⁶

Ao pesquisar os significados do surgimento da Vila União em uma região central da cidade, constato a diversidade de significações sobre a sua existência, em uma clara disparidade das memórias, especialmente entre os beneficiados pelos lotes e os demais moradores de Jales, que dentro da tradicional distribuição dos espaços urbanos, que destina os bairros distantes para os pobres e os centrais para os de maior poder aquisitivo, onde estes últimos seriam os candidatos em potencial a ocupar esta área. Se, nas memórias dos moradores da Vila, hoje, a conquista desses lotes representa “uma graça alcançada ou um sonho”, para os moradores dos bairros vizinhos ali já “merecia um bairro bom”, habitado por outro segmento econômico, porque, no entendimento do Jornal de Jales, aquele era um reduto tradicional da “classe média ou classe média alta”. As diferenças de significados de acontecimentos, como esses, apontam para o que Portelli chamou de “memória dividida” (PORTELLI, 1996, P. 105).

Ao perceber esse jogo diferenciado de representações e significados de fatos históricos, compreendi que “... estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas, e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas”,¹⁷ apontando para posições e visões de mundos diferenciados. A constituição de seus valores, ainda que forjados em uma mesma cidade ou região,

¹⁶ Popular Memory Group. “Popular Memory: Theory, politics, method”, em PERKS, Robert & THOMSON, Alistair. THE ORAL HISTORY READER, New York: Routledge, 1998, capítulo 7, pp. 75-86. (Tradução de Helen Hughes e Yara Aun Khoury).

¹⁷ Idem, p. 107.



deram-se de maneira específica e individual, seguindo posições sociais e econômicas. Segue esse mesmo sentido a reflexão de Passerini ao afirmar que:

(...) a matéria prima da história oral consiste não só em declarações factuais, mas é eminentemente uma expressão e representação da cultura, e, portanto, conclui não só narrativas textuais mas também a dimensão da memória, da ideologia e dos desejos subconscientes.¹⁸

Estudar os depoimentos repletos das lembranças, requer uma atenção redobrada para o que Portelli chama de “territórios da subjetividade”. A esse pesquisador, a subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Alessandro Portelli diz que: “Excluir ou exorcizar a subjetividade (...), quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados”¹⁹. Ao utilizar as narrativas como fonte histórica em um determinado contexto, essas exigem a problematização com as questões próprias e adequadas, colocadas no presente, bem como um tratamento específico. Este procedimento, que é válido no trato de qualquer fonte histórica, é também indispensável no tratamento das fontes orais. Contudo, o ato de interpretar não é somente do historiador, porque os próprios depoentes, em suas narrativas, estão impregnados de significados próprios. Por isso, Portelli alerta que: “A filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste, precisamente, em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar”.²⁰ Portanto, o depoimento não é isento de interpretações, exigindo que o historiador tenha atenção redobrada ao tratar das subjetividades.

Aceitar que as memórias narradas recuperam apenas os fatos, os acontecimentos e que somente ao historiador cabe analisá-las, interpretá-las, extraíndo delas os fragmentos que lhe interessam para construir seu trabalho, constitui-se em um equívoco. Portelli afirma que a relação entre narrador e pesquisador se estabelece num plano horizontal onde ambos interagem, mutuamente, produzindo diálogos que potencializam

¹⁸ PASSERINI, Luisa. Extraído de *History Workshop*, 1979, n. 8, pp. 84-92, com permissão de Oxford University Press. Publicada também em PERKS, Robert & THOMSON, Alistais (eds), *The Oral History Reader*, USA and Canadá: Routledge, 1998, pp. 53-62. Tradução de Helen Hedges e Yara Aun Khouriy.

¹⁹ Ver mais em: PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. In: *Tempo*, n.º. 01, UFF/Relume Dumará, 1996, p. 61-62

²⁰ Idem, p. 61

os fatos recordados. Portanto, o narrador interpreta e avalia suas ações, o que deve ser relevado pelo historiador, que não é o único a fazê-lo.

Com várias entrevistas, podia pensar em reunir partes da “memória do grupo”, sem esquecer que “a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas e não grupos se lembram” (PORTELLI, 1996, P. 127). Mas, somente com o exercício de reunir diversos depoimentos, era possível pensar no conjunto da memória do grupo porque “(...) Se toda a memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira: sabemos que não é assim” (PORTELLI, 1996, P. 127).

Estudar as dimensões das temporalidades históricas permite ao historiador captar as singularidades dos eventos sociais. Ao estudar a dinâmica da cultura, devemos considerar que o tempo não é único, algo que se congela, compondo barras de episódios que se marcam cronologicamente, mas plural, múltiplo, pois se configura através das experiências de homens e mulheres que vivem em lugares e momentos diferentes. O tempo que deve ser perseguido pelo historiador é o tempo construído pelo sujeito nas articulações das relações sociais.

Ao analisar as narrativas, encontro expressões diferentes, muitas vezes empregadas com o mesmo sentido, para se referir ao passado que pode estar mais ou menos distante cronologicamente. Esta distância, muitas vezes, é difícil de ser interpretada em nosso tempo cronológico de mês, ano, década ou século. Gandon, ao estudar os tempos múltiplos contidos nas falas de seus narradores, diz que:

As expressões “antigamente” e “naquele tempo” pontuam e demarcam o discurso sobre o passado; tanto daquele passado que se ouviu contar, quanto do passado mais próximo, aquele vivido pelos próprios narradores. A expressão “nesse tempo” usada, algumas vezes, no mesmo sentido das outras citadas. Algumas vezes, também, uma entonação enfática é dada ao termo “antigamente”, quando se quer sugerir a idéia de muito remoto: “an-ti- ga- meeeen-te” (...) (GANDON, 2001, P. 141).

Nos depoimentos dos moradores da Vila União, a expressão “no passado” é recorrente nas falas dos sujeitos, cuja declaração não se refere a um tempo cronológico determinado, mas aparece como referência a uma situação que mudou: “No passado, tinha assim, um preconceito muito grande contra o bairro”²¹. Sobre o mesmo assunto, outro narrador utiliza a expressão “no começo”, o que permite ao pesquisador, caso seja esse seu interesse, datar melhor a existência desse sentimento de preconceito. Sabendo

²¹ Silvana Vieira, em depoimento já citado.



quando se deu a fundação do bairro, será possível datar quando a existência do preconceito foi maior. Contudo, Portelli alerta que, como historiadores, não devemos nos preocupar excessivamente em reconstruir o passado baseado nas narrativas, porque estas podem ter outros interesses:

Enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem. Portanto, enquanto os historiadores, muitas vezes, se esforçam por ter uma seqüência linear, cronológica; os narradores podem estar mais interessados em buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e de temas no transcorrer de sua vida.²²

A expressão “antigamente” aparece impregnada de tempos cronológicos diferentes, conforme o contexto que a memória do narrador está trilhando. José Antônio diz que “... conversar com os vizinhos, conversa, mas não é aquele papo, que nem antigamente, que a gente chegava e conversava”.²³ Em sua narrativa, a expressão “antigamente” vem carregada e dita lentamente, apontando para um tempo que deve estar mais distante. Provavelmente, José Antônio se refere ao tempo em que ainda morava no meio rural, em colônias de fazendas de cultivo de café, onde as formas de trabalhar, as sociabilidades e os costumes permitiam longas conversas com os vizinhos, o que não ocorre na cidade. O mesmo termo “antigamente” é usado por outra pessoa, sinalizando para um tempo cronológico próximo: “Gente que era, antigamente, praticamente não mora mais aqui”.²⁴ No contexto da narrativa, Ana está se referindo a pessoas que mudaram do bairro, fundado em 1987. Seu tempo empregado no termo “antigamente” está mais próximo que o tempo de José Antônio. Um terceiro narrador utiliza o termo contendo um tempo cronológico ainda mais curto. Luciano usa o termo “antigamente”, mesmo se referindo a um tempo muito próximo: “Então, até isso mudou muito, que antigamente, uma igreja por ser evangélica, não deixava uma criança usar um *short*...”.²⁵ Posso concluir que seu tempo cronológico é pequeno, porque, em outra passagem de sua narrativa, ele diz que essa mudança é “de um ano para cá”. Provavelmente, este “um ano para cá”, não é exatamente um ano, podem ser dois, três..., mas, certamente, o mesmo pretende enfatizar que é uma mudança ocorrida muito

²² PORTELLI, Alessandro. The Death of Luigi Trastulli. “Momento da Minha Vida – Funções do Tempo na História Oral”. In: International Oral History Journal, II, 3 (Outono, 1981) pp. 162-180. Tradução de Yara Aun Khoury.

²³ José Antônio dos Santos, em depoimento já citado.

²⁴ Ana Aparecida Alves Vieira Bellon, em depoimento já citado.

²⁵ Luciano Isidoro, em depoimento já citado.



recentemente, apesar de empregar o termo “antigamente”, para separar um tempo de outro.

Sobre as formas de utilização do tempo, nas narrativas e memórias, Portelli chega a falar de “um tempo fora do tempo”, ao se referir à sua utilização em um relato: “O fato de que um relato é um confronto com o tempo está implícito na tentativa de cavar um tempo especial onde ele pode ser colocado – um tempo ‘fora’ do tempo, um tempo ‘sem’ tempo”.²⁶

A questão que se coloca é o que leva três sujeitos a empregar o mesmo termo, envolvendo permanências e alterações, para designar tempos cronológicos diversos, se estão envolvidos num mesmo contexto social. Ao analisar suas falas, percebo que a mudança é o que há de comum nas expressões de cada “antigamente”, ainda que empregados em tempos cronológicos bem distintos. José Antônio fala de um tempo que conversava muito com os vizinhos e de outro tempo em que se conversa menos. Ana se refere aos sujeitos que moravam no bairro e que agora não moram mais. Luciano fala de um tempo em que os filhos de evangélicos não podiam usar *shorts* para jogar futebol, portanto, não podiam participar do time, e de outro tempo em que estes participam.

Outra expressão de tempo que vem impregnada de mudança, usada por Luciano, tem muito a ver com a alteração de uma situação para outra e menos a ver com tempo cronológico. Ele, ao se referir à quebra das barreiras do preconceito contra os moradores da Vila União, diz que: “Aqui é, você pode analisar em duas partes: Metade da existência do bairro foi uma metade mal vista...”.²⁷ A expressão poderia levar a crer que, considerando a fundação do bairro até o tempo atual, durante determinado número de anos, houve maior preconceito e outro igual número em que este foi menor. Mas a expressão “metade” tem muito mais a ver com a mudança que ocorreu depois de um determinando período cronológico. O enfoque da mudança Luciano destaca com a mesma expressão, ao dizer que: “Como eu te falei, metade da existência do bairro aqui, muitas crianças não estudavam. Hoje não, hoje mudou bastante”.

É igualmente comum o emprego do termo “na época”, usado mais para se referir a situações diferentes ou que sofreram alterações, do que a um determinado tempo cronológico. Ao longo do depoimento de Luiz Carlos, o termo é recorrente, sempre para assinalar situações que sofreram variação.

²⁶ PORTELLI, Alessandro. The Death of Luigi Trastulli. “Momento da Minha Vida – Funções do Tempo na História Oral”. In: International Oral History Journal, II, 3 (Outono, 1981) pp. 162-180. Tradução de Yara Aun Khoury.

²⁷ Luciano Isidoro, em depoimento já citado.



Porque nós começamos, na época, ver que o que era necessário, era exatamente o processo do..., da alimentação. Eles tinham muita fragilidade quanto à alimentação....

Que foi a época que nós tava se preocupando com isso.

A coisa foi se modificando com a ação do tempo. Então nós sempre nos preocupamos. Inclusive por um motivo que, na época, não tinha geladeira.²⁸

A recorrência dessa fala com um sentido de tempo próprio, sempre apontando para alteração de uma situação para outra, ao ser empregado por Luiz Carlos, um Delegado de Polícia aposentado e Professor Universitário, indica que o emprego desse tipo de expressão é comum, mesmo em narrativas de sujeitos com grau de escolarização diferenciada. O pesquisador poderia ser levado a considerar que um nível mais elevado de escolarização e maior familiaridade com o emprego do tempo cronológico em determinadas funções sociais levariam o narrador a falar do tempo da memória de uma forma também própria.

Embora as expressões de tempo passado, indicando, especialmente, a mudança de uma situação para outra sejam muitas, quero analisar mais uma, que é também comum, considerando depoimentos que gravei. Utilizo-a, aqui, na narrativa de Leonildo, membro da comissão de negociação, referindo-se ao tempo em que pressionavam e negociavam com o Prefeito Municipal o loteamento da área onde seria a Vila União:

Então, (referindo-se ao Prefeito) naquela época, nos humilhou demais, nossa imagem e espalhou uma imagem muito, o senhor entende, uma imagem muito feia no modo de falar, uma imagem negra de nossa pessoa, de nós trabalhador, porque nós aqui, nós estávamos reunindo era pro trabalhador, só tinha trabalhador.²⁹

A indicação de Leonildo é clara para um tempo de humilhação imposto pelo prefeito sobre os trabalhadores, que é a analogia feita sobre as famílias integrantes do movimento. Sua fala aponta para um outro tempo em que já não são mais humilhados pelo prefeito, e que vê respeitada sua identidade de trabalhador.

Na citação a seguir, Leonildo também aponta para uma época em que não encontraram apoio, para outra, de solidariedade prestada por outros sujeitos ou em que eles próprios superaram seus limites financeiros e construíram suas casas.

²⁸ Dr. Luiz Carlos Barros Costa, em depoimento já citado.

²⁹ Leonildo Antônio de Souza, em depoimento já citado.



(...) nós, naquela época, nós, foi numa época que nós encontremo um prefeito que pouco nos ajudou, quer dizê, não nos ajudou em nada, só tentou é tirá o que nós tinha ganhado, e, mas, felizmente, eu creio que, depois, após nós vivemos aqui, depois de construí com muita dificuldade, com a colaboração destes de que eu falei pro senhor aí ³⁰

Enquanto determinadas expressões de tempo são empregadas para indicar tempos diferentes, antes e depois da mudança, embora, cronologicamente, as mesmas expressões indiquem durações de tempos diferentes, outras expressões apontam para as permanências, que podem também ser de longa ou curta duração, mas que nos revelam pouco do tempo cronológico. “Então, cada vez, às veis, a gente até pensa que é, pensa não, a gente tem até certeza, né, conforme vai o tempo, que na Bíblia tá escrito que vai vir as pragas. Então, sempre tá acontecendo. Às veis, sempre tava ali, só que a gente não conhecia, né”.³¹ A expressão “sempre tá acontecendo” é de uma permanência muito longa, se considerarmos o tempo cronológico, alcançando o antigo testamento da Bíblia, em que estão narradas as pragas do Egito. Essas pragas estariam presentes até o dia de hoje, sempre ameaçando a saúde das pessoas.

Outra permanência de duração muito variável, de acordo com o contexto que é empregado ou o recorte que o narrador está fazendo da história, é o “sempre” ou o “nunca”.

O nosso salário já é aquele tantinho todo mês. É a compra, é a água é a luz, é isso e aquilo, porque nós nunca tem aumento. Então, nunca tem um salário digno. Porque aí, depende do salário a nossa vida. Porque nunca tá dando certo, porque tá sempre ficando alguma coisa para trás. Ganha mixaria.³²

A permanência experimentada por José Antônio é a de um salário que “sempre” é insuficiente para atender a todas as necessidades da família e, por isso mesmo, “nunca” permite uma alteração significativa em sua situação. Se considerarmos somente a historicidade do salário, há salários insuficientes desde o dia em que se efetivou o primeiro pagamento da força de trabalho, o que remeterá para a antigüidade. Mas, provavelmente, José Antônio não se refere a um tempo cronológico tão longo, indicando mais para a sua própria experiência de trabalhador mal remunerado o qual “sempre” enfrenta dificuldade e “nunca” consegue dar conta de tudo o que é necessário para levar uma vida, por ele considerado digna.

³⁰ Leonildo Antônio de Souza, em depoimento já citado.

³¹ Luciano Isidoro, em depoimento já citado.

³² José Antônio dos Santos, em depoimento já citado.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, Lembrança de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CALVO, Célia Rocha. *Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos – Uberlândia, 1938/1990*. Tese de Doutorado, PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2001.

GANDON, Tânia Rosério d'Almeida. *Entre Memória e História: Tempos Múltiplos de um discurso a muitas vozes*. Projeto História, nº 22, São Paulo: Educ, 2001.

KHOURY, Yara Aun. *Narrativas Orais na Investigação da História Social*. In: Projeto de História. São Paulo, nº 22, Junho/2001.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. Projeto História, n. 17. São Paulo, Educ, 1998.

NORA, Pierre. *Entre História e Memória – a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo: Educ, nº. 10, 1993. p. 7-28.

PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscanam 29 de junho de 1944): mito e política, luta e senso comum*. In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaina. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. *A filosofia e os Fatos*. In: Tempo, nº 01, UFF/Relume Dumará, 1996.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias*. Projeto História, São Paulo, nº 15, abril/1997.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado – História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Prof. Ms. Léo Huber
e-mail: huber019@yahoo.com.br
UNIJALES – Centro Universitário de Jales – Unidade Central
Fone (17) 3622-1620
Av. Francisco Jalles, n.º 1.851
CEP: 15700-000
Jales - SP



UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O MÉTODO DA MODELAGEM NO ENSINO DA MATEMÁTICA

José Lafayette de Oliveira Gonçalves

Resumo: Funções e gráficos estão presentes no nosso cotidiano. Pagamos nossa conta de água sem que se perceba que a conta é uma função. Todo dia vemos gráficos de vários tipos. As funções e os gráficos são usados em, praticamente, todos os ramos da ciência. Quase tudo pode ser expresso através de gráficos, desde as perdas a ganhos salariais, a variação das chuvas de um determinado lugar em um determinado tempo, o desempenho de alguns candidatos ao governo e a preferência entre alguns produtos, por exemplos.

Dada a importância, é necessária que a idéia de função fique clara e, também, que se saiba fazer a leitura correta de um gráfico.

Para facilitar a interpretação, o entendimento de funções e leitura de gráficos usaremos o método da Modelagem no ensino da Matemática.

Palavras-chave: Modelagem, Ensino, Matemática, Função, Gráficos.

INTRODUÇÃO

A função social da escola e do professor tem sido objeto de discussão. Invariavelmente, em todo plano político pedagógico, os objetivos são muitos semelhantes. O educando deverá, mais do que produzir dados, denominar classificações ou identificar símbolos, estar formado para vida. Atualmente, o mundo passa por rápidas transformações e apresenta diversas contradições e, pelo Parâmetro Curricular Nacional, o educando deve ser capaz de saber se informar, comunicar, argumentar, compreender e agir, enfrentar problemas de qualquer natureza, participar socialmente de forma prática e solidária, ser capaz de elaborar críticas ou propostas e, especialmente, adquirir uma atitude de permanente aprendizado.

Partindo do exposto, o professor deve formar um cidadão crítico e consciente e não prepará-lo para seguir na próxima fase do ensino. O modelo de educação oferecido em nossas escolas não atende ao plano político-pedagógico, em sua totalidade, apesar de tal plano ter apenas meia década de efetiva aplicabilidade.



As evidências nos mostram que os objetivos só ficam nos “planos” e que a prática pedagógica tem nos mostrado exatamente o oposto.

“Tendo em vista que a educação deve considerar e tomar o indivíduo como um todo, desenvolvendo sua personalidade, atendendo as necessidades do aluno de acordo com a realidade em que vive, de forma que haja harmonia e equilíbrio em sua afetividade, sociabilidade, poder de criação de compreensão e transformação do mundo por sua ação, a escola deverá estar centrada no trabalho e em tudo o que o aluno traz de humano social”.¹

Infelizmente, o papel social da escola fica limitado a planos que não são postos em prática. A escola e o professor não têm sido os agentes de transformações sociais. Não adianta elaborar planos de boa estética e imaginar a formação de alunos com raciocínio lógico, participativo, questionador, investigativo, crítico e politizado, se as ações pedagógicas não forem condizentes.

Os alunos necessitam de um conhecimento que seja útil, ao longo processo de formação, desta forma, serão capazes de intervir na sua realidade socioeconômica e política. Assim, a escola estará assumindo seu verdadeiro papel no contexto social, atuando como agente politizador.

Uma formação com tal ambição exige métodos de aprendizado compatíveis, ou seja, condições para que os alunos possam se comunicar e argumentar ao se deparar com problemas, ter condições de desenvolvê-los e, acima de tudo, compreendê-los e, conseqüentemente, enfrentá-los, podendo, assim, participar do convívio social e sentirem-se cidadãos, tomar gosto pelo conhecimento, aprenderem a aprender.

A escola deve ser onde se promova o cidadão, em todos os aspectos, em todas as suas potencialidades. Deve-se abandonar a idéia de formar-se o trabalhador em detrimento do exercício da inteligência.

Uma escola que não abra espaço para a discussão tornar-se-á um obstáculo ao desenvolvimento da personalidade do aluno.

¹ SHAFFER, Nilce Fátima. O tratamento experimental numa concepção matemática. In Elias M.D.C. Pedagogia Freinet, Teoria e Prática. 1997



Para que o aluno chegue ao pico, ou máximo, como um ser responsável, é necessário desenvolver o senso de responsabilidade, de sociabilidade, seja reflexivo para que assim, tenha capacidade de reduzir os pontos de desigualdades sociais.

Alcançar os objetivos constantes nos planos políticos pedagógicos da maioria das escolas pode tornar-se um tanto difícil, pois as práticas pedagógicas andam na contramão desses objetivos. Formar-se cidadão, politizado e consciente, não será possível, se o sistema continuar preso ao formalismo e à seqüência rígida dos conteúdos e se restringir ao livro didático. É necessário que o educador se mantenha bem informado sobre os fatos acontecidos que o cercam, quer seja em nível de município, do estado, da nação ou do mundo, para poder desempenhar a função de transformar a realidade social, acima de tudo, o agente politizador. Caso contrário, será responsável pela manutenção e pelo agravamento do quadro atual, formador de seres alienados e incapazes de raciocinar, analisar e fazer uma crítica coerente. Não se pode admitir que a escola, em sua maioria, continue sendo o instrumento formador de cidadãos alienados, mas um agente transformador das relações sociais que regem a nossa sociedade.

Segundo o PCN, a matemática é de suma importância para a formação básica do cidadão. Falar de formação básica para o cidadão significa dizer sobre a inserção das pessoas no mundo de trabalho, das relações sociais e da cultura no âmbito da sociedade.

Por ser o Brasil um país de diferentes etnias, com diferentes costumes, valores, crenças e conhecimentos, a educação matemática torna-se um desafio interessante.

Os alunos trazem para a escola, idéias e intuições que vivenciam em seu grupo sociocultural, que apresentam diferentes formas de classificar, ordenar, qualificar e medir, além de atuarem com os recursos e as restrições de seu meio.

Desta forma, o currículo de matemática deve procurar contribuir para a valorização dessa pluralidade sociocultural, fazendo com que o aluno, mesmo de etnias diferentes, possa compreender dados divulgados por qualquer meio de comunicação, exercendo, assim, a sua cidadania (PCN, 2002).

O mundo de trabalho atual requer pessoas preparadas para utilizar diferentes tecnologias e linguagens, instalando novos ritmos de produção, com assimilação rápida de informações, resolvendo e propondo soluções.

Por isso, o ensino da matemática prestará sua contribuição, à medida que forem exploradas atividades que coloquem em primeiro plano a capacidade do aluno em



desenvolver e interpretar as situações que a vida apresenta. É importante destacar que a matemática deverá ser vista pelo aluno como um conhecimento que pode favorecer o desenvolvimento do seu raciocínio, de sua capacidade expressiva, de sua sensibilidade estética e de sua imaginação. Esta é uma das propostas do PCN (2002) para a construção da cidadania no ensino da matemática.

Em discussões promovidas para tentar encontrar as causas e, conseqüentemente, as soluções, que geraram o atual quadro de crise no ensino, principalmente da matemática, são várias as razões apontadas para justificar o fracasso e a conseqüente reprovação na disciplina. As principais razões encontradas são: excesso de preocupação com o planejamento, professores desatualizados e, a mais preocupante das causas, “a falta de interesse dos alunos”.

Na constante busca por respostas a estas perguntas surge uma opção a modelagem matemática no ensino.

Segundo POMPEU (2004), os exemplos dados no ensino tradicional são hipotéticos e incomuns. Na modelagem, partimos da realidade. Assim, nas aulas, podem-se abordar situações cotidianas e naturalmente aplicar fórmulas e conceitos para analisá-las. No ensino básico, é evidente, os cálculos são mais simples, mas o princípio é o mesmo, uma seqüência de atividades baseada em um método de desenvolvimento científico.

Afirma FIORENTIN (2004) que para o aluno, aplicar a matemática em questões verdadeiras, faz a diferença, pois ele percebe que a disciplina não nasceu na sala de aula. Os conhecimentos matemáticos surgiram por necessidade, ir da prática para a teoria atende à demanda de dez entre dez jovens que vivem perguntando “Porque aprender isso”?

Essa metodologia, que os especialistas chamam de modelagem matemática no ensino, trata de um conceito que permeia inúmeras situações do nosso cotidiano, como a previsão do crescimento populacional do país ou a racionalização da produção de frangos em uma granja e, em situações de sala de aula, usam-se embalagens vazias para explicar aos alunos os conceitos como área, volume e porcentagem.

De acordo com BIENBEGUT (2003), “modelagem matemática é o processo em que envolve a obtenção de um modelo. Este, sob certa óptica, pode ser considerado um processo artístico, visto que, para elaborar um modelo, além do conhecimento matemático, o modelador precisa ter uma dose significativa de intuição e criatividade



para interpretar o contexto, saber discernir que conteúdo matemático melhor se adapta e, também senso lúdico para jogar com as variáveis envolvidas. Genericamente, pode-se dizer que matemática e realidade são dois conjuntos e a modelagem é um meio de fazê-los interagir”.

A elaboração de um modelo depende do conhecimento matemático que se tem. Se o conhecimento restringe-se a uma matemática elementar, como aritmética e ou medidas, o modelo pode ficar delimitado a esses conceitos. Quanto maior for o conhecimento matemático, maiores serão as possibilidades de resolver questões que exijam uma matemática mais sofisticada. Pode-se citar como exemplos, a criação de frangos em uma granja, onde se busca o momento ideal para o abate dos mesmos. Este momento ideal pode ser obtido através de cálculo diferencial integrado ou usando métodos do mínimo quadrado. Porém, o valor do modelo não está restrito à sofisticação matemática (BIENBEGUT, 2003).

A modelagem matemática é, assim, uma arte ao formular, resolver e elaborar expressões que servem não apenas para uma solução em particular, mas que também sirvam posteriormente como suporte para outras aplicações e teorias (BIENBEGUT, 2003).

O trabalho de modelagem é importante não só por despertar interesse dos alunos, mas por aumentar a autoconfiança, estimular a criatividade, incentivar o raciocínio lógico, a percepção, a análise e desenvolve a autonomia. No ensino tradicional, apesar de tudo estar contemplado nos planos político-pedagógicos da maioria das escolas, na prática, o que acontece é um excesso de formalismo, uma demasiada preocupação com a seqüência rígida dos conteúdos, a valorização da memorização e a disciplina mental.

A modelagem não é uma idéia nova. Sua essência sempre esteve presente na criação das teorias científicas. A história da ciência testemunha importantes momentos em que a modelagem matemática se fez presente, dentre as quais destacam-se:

- Entre as grandes obras de Pitágoras (530 a.C.), fazemos referência à música. Pitágoras, considerado pai da música, descobriu que os sons têm durações diferentes. Tal fato foi descoberto ao fixar um fio entre dois pontos, vibrando-o, verificando o som produzido, em seguida fixou-o ao meio novamente e vibrou-o em seguida, repetindo o feito outras vezes ao final verificou que cada vez obtinha uma nota uma oitava mais alta que a oitava tinha a proporção de dois para um, usou funções simples para medir as



distâncias de cordas adicionais [5].

- Willian Harvey (1578–1657), um dos grandes cientistas, observou que as válvulas do coração só permitem que o sangue caminhe em um mesmo sentido. Utilizou-se da matemática para demonstrar a circulação sangüínea. Experimentalmente, revelou relações entre a quantidade de fluxo de sangue e peso do corpo, como o coração bate 72 vezes por minuto, fazendo com que, dentro do sistema, arroje o tríplice peso do corpo humano. Como o alimento é incapaz de ministrar tanto líquido sangüíneo, conclui-se que o sangue percorre a mesma rota a vida inteira (BIENBEGUT, 2003).

A modelagem matemática, atualmente, é usada em toda ciência, tem contribuído sobremaneira para a evolução do conhecimento humano, como o faz desde os primórdios da humanidade, isso pode ser nos fenômenos microscópicos ou nos macroscópicos, com a pretensão de conquistar o universo, afirma BIENBEGUT (2003).

Atualmente, os cientistas usam da modelagem matemática para obter melhores dados, quando da contagem de microorganismos causadores de doenças ou não. As pesquisas revelam ao cientista de que forma e quanto esses microorganismos se reproduzem e crescem. Usando o conhecimento matemático, os mesmos calculam quanto são esses microorganismos num determinado tempo e, conseqüentemente, o que poderão fazer.

MODELAGEM COMO MÉTODO DE ENSINO

Há um consenso no que diz respeito ao ensino da matemática, afirma BIENBEGUT (2003), precisar voltar-se para a promoção do conhecimento e da habilidade em utilizá-lo, o que são ou significam além das simples resoluções de equações, questões ou problemas matemáticos, que, na maioria das vezes, não têm sentido ou significado para o aluno. É preciso levar o educando a adquirir melhor compreensão da teoria matemática, através dos exemplos do dia-a-dia.

Dessa forma, através da modelagem, o aluno estará propício a desenvolver o interesse por tópicos da disciplina que até então desconhecia e, ao mesmo tempo, aprendendo a modelar. Assim, será dada ao aluno, a oportunidade de estudar as situações problemas através das pesquisas, desenvolvendo e aguçando seu senso crítico.

Nos cursos regulares, nos quais há um programa a ser cumprido, como é na maioria das instituições de ensino, seja particular ou privada, o processo de modelagem precisa ter algumas alterações. Deve-se levar em conta, principalmente, o grau de



escolaridade e o nível de conhecimento dos alunos, o tempo disponível que terão esses alunos para os trabalhos extras classe, o programa a ser cumprido e o estágio em que se encontra o professor, com relação ao conhecimento da modelagem no ensino.

Como método de ensino, o trabalho de modelagem tem como objetivo principal, criar condições para que os alunos aprendam a fazer modelos matemáticos, aprimorando seus conhecimentos, através de temas por eles escolhidos, cabendo ao professor promover, orientar e acompanhar os alunos no desenvolvimento do trabalho, propondo, assim, a interação entre os conhecimentos da modelagem e os planos curriculares.

A condição necessária para o professor implementar a modelagem no ensino é a audácia, o desejo de modificar, a disposição de conhecer e aprender, uma vez que esta proposta abre caminho para descobertas significativas. Um embasamento na literatura disponível, alguns modelos clássicos e/ou sobre pesquisas e experiências no ensino são essenciais. No entanto, vale ressaltar que não é suficiente para pôr em prática, num primeiro momento, a modelação com todas as turmas de que o professor dispõe. Habilidade e segurança só se ganham com experiência, que deve ser de forma gradual e de acordo com o tempo que se tem para planejar.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido com alunos do CEFAM, no início de 2000, no entanto, mencionaremos somente alguns, sem identificá-los, para resguardar sua integridade.

Em geral, os alunos conhecem a forma sintática de escrever em equação do 1º grau, mas vamos perceber, nas entrevistas, que eles, quando solicitados a escrever a equação, não formulam uma sentença matemática aberta, interligada por um sinal de igual e, quando solicitados a citarem exemplos, para aplicação da equação, não o fazem. As evidências indicam-nos que, não sabem relacionar a equação com as situações do cotidiano.

Nas entrevistas que seguem, indico o entrevistador pela letra “E” e os alunos por nomes fictícios.

Na entrevista, a aluna M, da 1ª série, não explicita a representação correta de uma equação do 1º grau.



E: Escreva uma equação do 1º grau.

M: (escreve) $1x + 3$

E: Um vezes mais três, representa uma equação?

M: Acho que sim.

A maneira como a aluna escreveu e a afirmação de que representava uma equação revela que ela não diferencia uma expressão algébrica de uma equação. Não há igualdade entre os termos e, apesar de não apresentar erro, escreve $1x$ ao invés de x , no entanto, percebe-se que ela não identifica o número 1 como sendo o elemento neutro da multiplicação, ou seja, $1.x = x$ para todo $x \in R$.

Após a pergunta do entrevistador, ela escreve a equação corretamente.

E: O que significa um vezes x mais 3?

M: Ah! Está faltando alguma coisa aqui, um vezes x mais 3 é igual a alguma coisa.

M: (escreve) $1x + 3 = 4$

M: Não sei quanto vai dar isso.

A fala “não sei quanto vai dar isso” evidencia que a aluna tem dificuldade para atribuir significado à equação, ou seja, não percebe que x representa um número multiplicado por 1 e, somando a 3, é igual a 4. Esta dificuldade em resolver sua própria equação pode estar relacionada à abordagem com que ela trabalha a equação, isto é, sem base semântica.

E: Dê-me exemplos de onde poderia usar esta equação para resolver problemas do seu cotidiano.

M: Este x é um problema, que não entendo.

Na entrevista com a aluna C, da 2ª série, vamos perceber que ela, a princípio, tem certa dificuldade para saber o que na realidade é equação do 1º grau, confundindo com adição algébrica.

E: Escreva uma equação do 1º grau.

C: (ESCREVE) $6x^2 + 2x^2 + x^2$



E: Mas isso não é uma equação do 1º grau, isso é uma adição algébrica, em que você só vai somar valores, certo?

C: Ah!... (pensa) é, realmente, não é assim.

E: É, realmente, não é assim.

C: (escreve) $2x + 3 = 0$

C: (escreve, após fazer contas) isso dá $x = -\frac{3}{2}$

E: Como se lê isso?

C: x é igual a menos três dividido por dois.

Apesar de a aluna ter escrito no final da discussão uma equação do 1º grau correta, o fato de ter escrito no início uma adição algébrica, pode evidenciar um tipo de erro que está ligado ao não entendimento da expressão “equação do 1º grau”.

E: Dê-me exemplos de onde poderia usar esta equação para resolver problemas do seu cotidiano.

C: (após pensar) Confesso, não sei, só sei que x é igual a menos 3 dividido por 2.

Além dessas equações que foram escritas de maneira incorreta, as entrevistas mostraram que muitos alunos têm pleno domínio da forma assumida por uma equação do 1º grau, no entanto, dos entrevistados, apenas dois deram exemplos de onde se poderia usar a equação de 1º grau, sendo um de forma confusa, o outro, deu como exemplo, o valor pago a certo número de picolés.

Nesta entrevista, a aluna é da 3ª série.

E: Escreva como você aplica a equação do 1º grau na compra de picolés.

R: Quanto vou pagar por uma determinada quantidade de picolés se cada um custa R\$ 0,30?

E: Monta a equação.

R: $y = \text{valor pago}$.

$x = \text{quantidade de picolés}$.

$R\$ 0,30 = \text{valor do picolé}$.



$$y = 0,30 \cdot x$$

R: Se vou comprar seis, tenho $y = 0,30 \cdot 6$, então o valor pago será de R\$ 1,80, certo?

E: Parabéns, você assimilou muito bem.

Além destas equações formuladas, seguem algumas realizadas no decorrer das entrevistas:

$$W: (\text{escreve a equação}) 4x + 2 = 10$$

$$L: (\text{escreve}) x + 2 = 3$$

$$V: 2x = 4$$

$$N: -3x - 2x = 1$$

RELATO PRÁTICO

Realizou-se uma investigação junto ao gerente da SABESP (Cia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo), para esclarecer como são divididas as faixas de consumo e como se efetiva o cálculo do valor a ser pago em cada faixa.

A partir dos valores cobrados por m^3 de água, foram criadas funções para cada faixa de consumo com os respectivos gráficos. A seguir, são representadas as faixas de consumo com as funções.

- de 0 a $10 m^3$ $y = 10,27$ valor fixo
- de 11 a $20 m^3$ $y = 10,27 + (1,43 \cdot x_1)$
- de 21 a $50 m^3$ $y = 10,27 + [(1,43 \cdot x_1) + (2,19 \cdot x_2)]$
- acima de $50 m^3$ $y = 10,27 + \{[(1,43 \cdot x_1) + (2,19 \cdot x_2) + (2,62 \cdot x_3)]\}$

Em que:

$$x_1 = \text{de } 11 \text{ a } 20 m^3$$

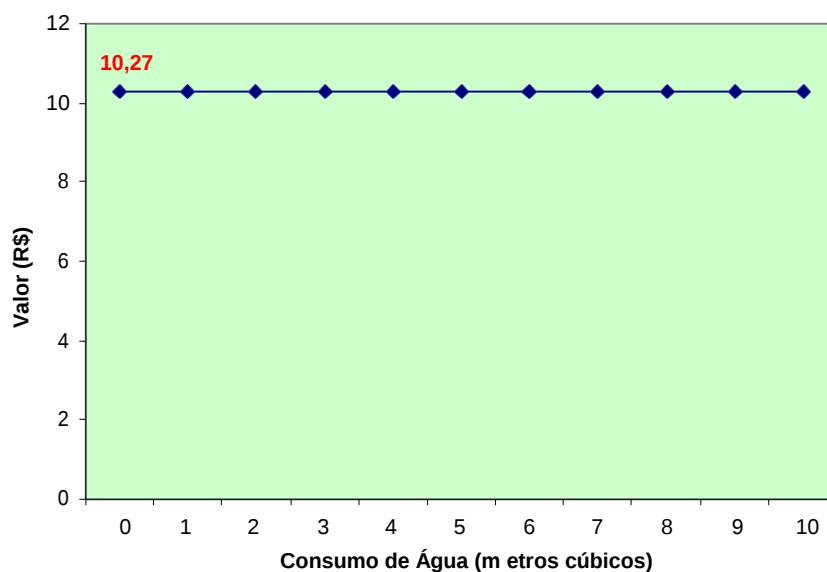
$$x_2 = \text{de } 21 \text{ a } 50 m^3$$

$$x_3 = \text{acima de } 50 m^3.$$

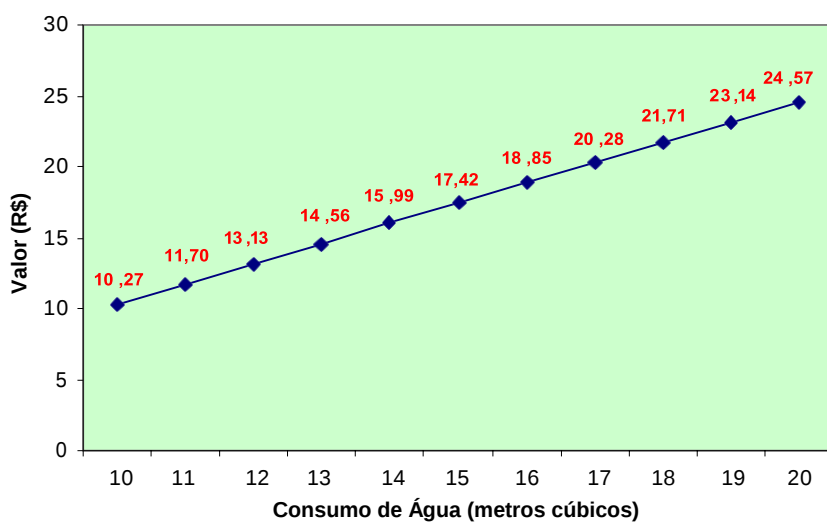
Atividade de criação de funções com base nas informações levantadas e construção dos respectivos gráficos.

Consumo de água:

De 0 a 10 m³ @ y = 10,27 (valor fixo).



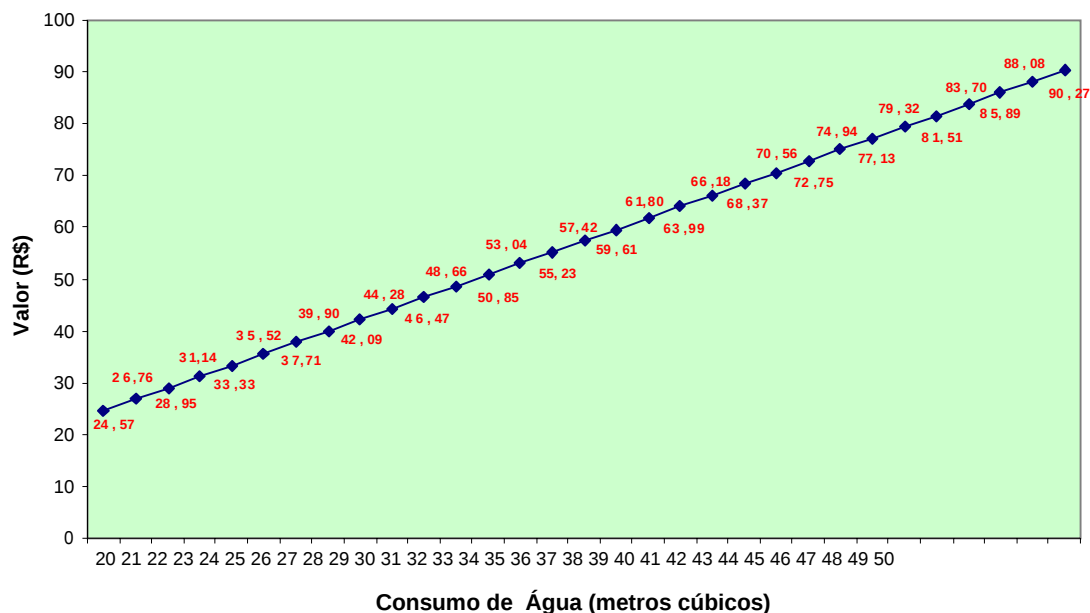
De 11 a 20 m³ @ y = 10,27 + (1,43. x₁)



Observação: O valor atribuído a x₁ é a quantidade de m³ que passa de 10 m³.

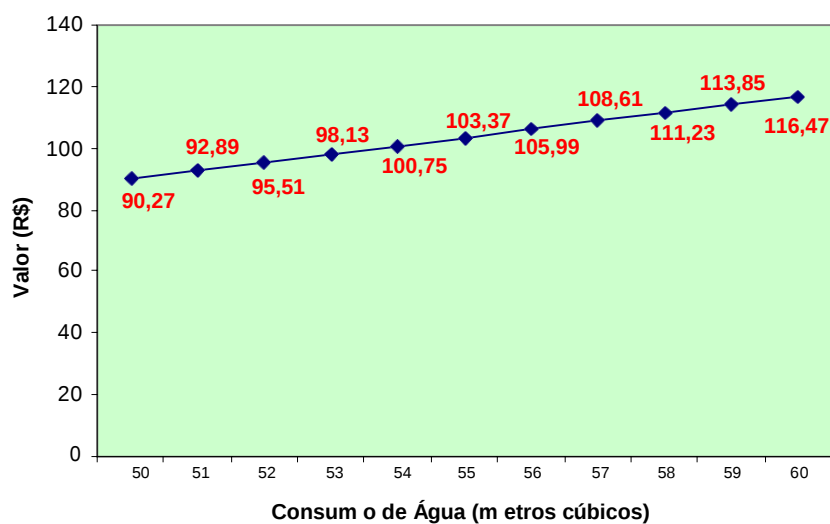
De 21 a 50 m³ @ $y = 10,27 + [(1,43 \cdot 10) + (2,19 \cdot x_2)]$

$$y = 10,27 + 14,30 + (2,19 \cdot x_2)$$

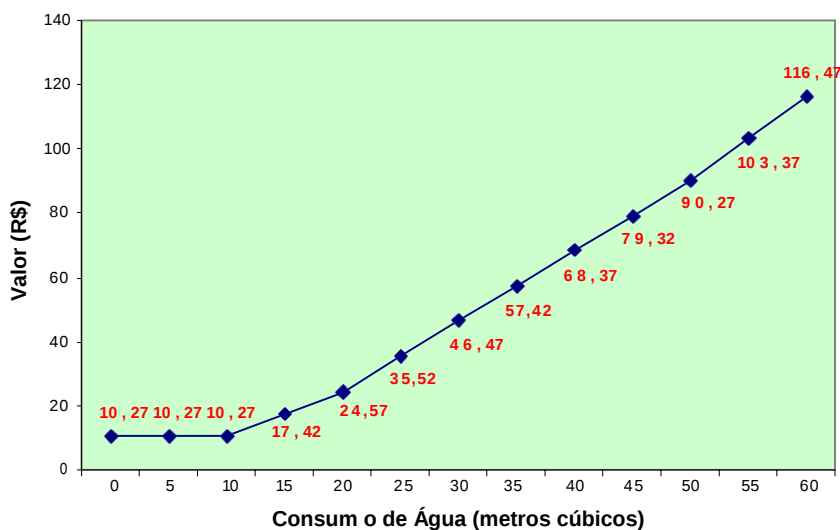


Observação: O valor atribuído a x_2 é a quantidade de m³ que passa de 20 m³

De 50 acima @ $y = 10,27 + \{[(1,43 \cdot x_1) + (2,19 \cdot x_2) + (2,62 \cdot x_3)]\}$



Observação: O valor atribuído a x_3 é a quantidade de m³ que passa de 50 m³



Após ter concluído a primeira parte da entrevista com cada um dos alunos, foi apresentada, aos mesmos, uma conta de água da cidade onde residem. Em seguida, foi perguntado se naquela conta havia a possibilidade de se aplicar a equação do 1º grau, para se obter o valor pago pelo consumo de água, e neste caso, desprezava-se o valor da taxa de esgoto, que é calculada sobre o valor do consumo de água.

A princípio, nenhum aluno soube calcular o referido valor.

Diante da dificuldade, foram passadas, pelo entrevistador, as explicações contidas no relatório prático. Após tal explanação, os alunos, apesar de algumas perguntas, passaram a entender, de maneira prática, onde se pode aplicar a equação e, a partir destas explicações, cada um começou a montar a sua própria equação com os dados da sua conta de água.

Com a apresentação dos gráficos, todos puderam observar e, com isso, passaram a discutir com o entrevistador e, em alguns casos, explicando que, após certa faixa de consumo, a linha do gráfico torna-se mais inclinada, demonstrando, assim, o valor maior a ser pago.

Simultaneamente, foram discutidos os conceitos de domínio, imagem e contradomínio, isso de forma bem sucinta.

- domínio é o conjunto dos valores que podem ser atribuídos a “x”.
- imagem é o conjunto dos valores que podem ser atribuídos a “y”.
- contradomínio é o conjunto dentro do qual se deve encontrar o conjunto imagem.

Além dos dados constantes no relatório prático, foram realizadas outras investigações, com o intuito de demonstrar a aplicabilidade da equação do 1º grau no dia-a-dia de cada um.

Os dados apresentados e seus respectivos gráficos foram colhidos de situações desenvolvidas na região e isto tem como objetivo principal o melhor entendimento dos alunos, até podendo-se trabalhar a interação com as das disciplinas.

RESULTADOS

1) Colheita de Laranja

A colheita de laranja é feita manualmente e a unidade usada para se atribuir valor ao produto é a caixa. O valor pago para cada caixa colhida depende da quantidade de laranja no pé, no entanto, tem se uma média de R\$ 0,60 por caixa colhida.

Uma caixa corresponde a 40,8 kg líquido do produto.

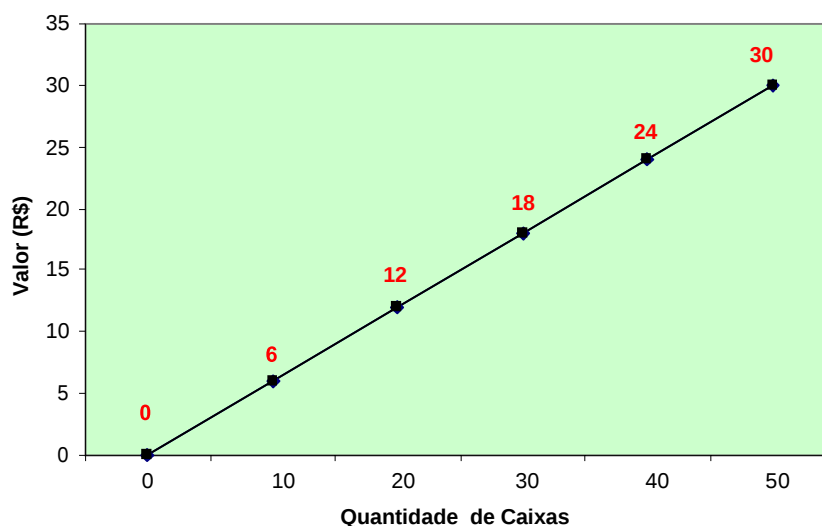
$$y = 0,60 \cdot x$$

Em que:

y = Valor pago por quantidade de caixas colhidas no período.

x = Quantidade de caixa colhida.

R\$ 0,60 valor pago por unidade (caixa).



2) Colheita de algodão

A colheita do algodão pode ser feita manualmente ou mecanizada. Vamos nos ater à colheita manual.

A unidade usada para se atribuir valor ao produto é a arroba. O valor pago para cada arroba depende da quantidade do produto no pé e das condições do produto, no entanto, tem-se uma média de R\$ 4,00 por arroba colhida.

Uma arroba corresponde a 15 kg.

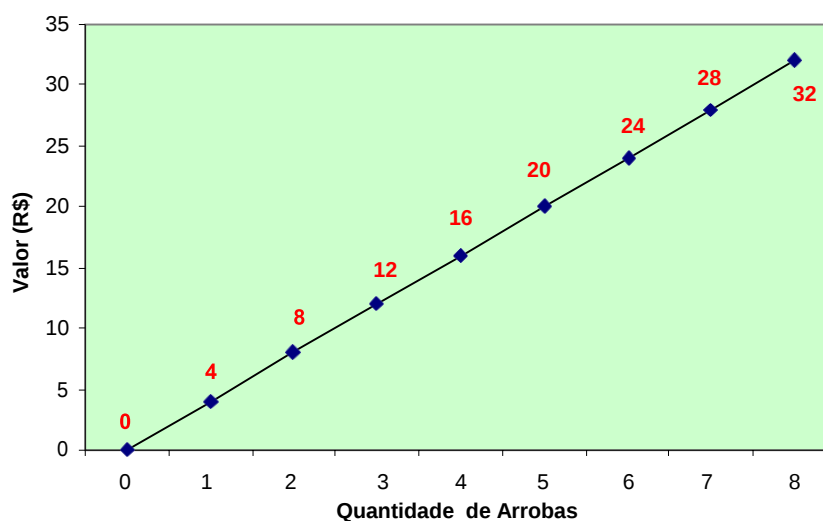
$$y = 4,00 \cdot x$$

Onde:

y = valor pago por quantidade de arroba colhida no período.

x = quantidade de arroba colhida.

R\$ 4,00 = valor pago por unidade (arroba)



3) Colheita da cana-de-açúcar

A colheita da cana-de-açúcar pode ser feita manualmente ou mecanizada, vamos nos ater a colheita manual.

A unidade utilizada para obter a produção diária de um trabalhador é o metro linear e esta unidade, posteriormente, na moagem, é transformada em toneladas. O valor pago por metro linear depende das condições do produto (em pé ou deitado).

O rendimento de uma pessoa depende das condições do produto e das condições climáticas (muito calor). No entanto, obtém-se a média de 250 metros ou 8,5 toneladas diária.

1m/ cana = 5 metros lineares.

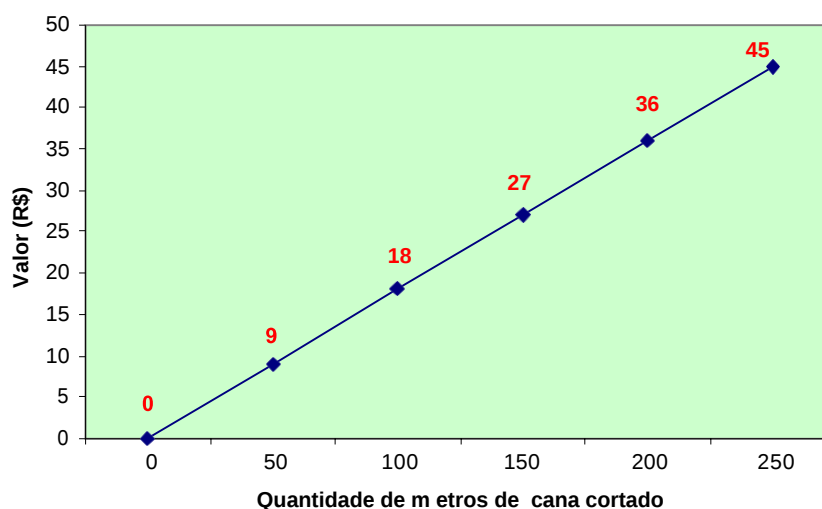
$$y = x \cdot 0,18$$

Em que:

y = valor (média) recebido por um trabalhador em um dia de serviço.

x = quantidade de metros de cana cortados.

R\$ 0,18 = média do valor pago por metro de cana.



Observação: Os valores máximos atribuídos nos gráficos 2, 3 e 4 é a média de produção e remuneração de um trabalhador rural no período de um dia de serviço.

CONCLUSÃO

Comprovou-se na prática o que está no embasamento teórico. Os alunos, quando trabalham a equação do 1º grau de forma abstrata, apresentam certo grau de dificuldade. No entanto, quando a teoria dá lugar à prática, no caso da conta de água, todos passaram a visualizar o conceito de equação.

Nem todo o conteúdo pode ser explorado com as entrevistas, mas pode-se verificar, facilmente, que alguns alunos têm dificuldade na compreensão e na aplicabilidade da matéria, quando o método utilizado é o tradicional.



A modelagem no ensino da matemática mostrou, através destas entrevistas, que chamamos de experiências, ser uma alternativa eficiente no sentido de despertar o interesse dos alunos, evidenciando que existe uma ligação entre o mundo real e o mundo matemático.

No início das entrevistas, percebia-se insegurança nos alunos, que foi desaparecendo, ao longo do desenvolvimento das conversas e, principalmente, quando da aplicabilidade da equação, para se obter o valor da conta de água. Isto vem comprovar que a Modelagem Matemática, no ensino ou na contextualização, desenvolve a autonomia e a autoconfiança.

A Modelagem permite percorrer o caminho pelo qual a matemática se desenvolveu e se desenvolve, ajudando, assim, a derrubar o mito de que a matemática é algo pronto, acabado e indiscutível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIENBEGUT, Maria Salett. *Modelagem Matemática no Ensino*. In Nelson Hein, Ed. 2003.

FIORENTIN, Rosemar Aparecida Guerrini. *Modelagem Matemática gostosa é a do dia-a-dia*. In Revista Nova Escola, ano XIX, n.174, 2004.

PCN. Parâmetros Curriculares Nacionais. Edição 2002.

POLYA, G. - “A arte de resolver Problemas”. Editora Interciência - (1977). “How to solve it”, 1943.

POMPEU, Geraldo Jr. *Modelagem Matemática gostosa é a do dia-a-dia*. In Revista Nova Escola, ano XIX, nº 174, 2004.

SHAFFER, Nilce Fátima. *O tratamento experimental numa concepção matemática*. In Elias M.D.C. Pedagogia Freinet, Teoria e Prática. 1997.

Prof. Ms. José Lafayette de Oliveira Gonçalves
e-mail: netojales@yahoo.com.br
UNIJALES – Centro Universitário de Jales – Unidade Central
Fone (17) 3622-1620
Av. Francisco Jalles, n.º 1.851
CEP: 15700-000
Jales - SP



VIDA DOS SANTOS: INSTRUMENTO DE CONQUISTA ESPIRITUAL E MATERIAL NA AMÉRICA DO SÉCULO XVI

Adailson José Rui¹

Resumo: Apresento, neste artigo, a utilização da vida dos santos como instrumento de conquista espiritual e material na América do século XVI. Verifico que as fontes utilizadas pelos membros da Igreja, para fazer tal uso, são de origem medieval. Os pregadores destacam, principalmente, os feitos dos santos que foram martirizados em virtude da causa que defendiam. Com isto, promoviam, por um lado, o estímulo para a luta cotidiana vivenciada pelos conquistadores e, por outro, catequizavam os nativos. Dessa maneira, possibilitavam a conquista espiritual e material, almejada pelos conquistadores. Como fonte para esse estudo, utilizo: Crônicas elaboradas durante a Idade Média, referentes à Península Ibérica; a *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze; a *Psalmodia Christiana* de Bernardino de Sahagún e Crônicas relativas à Conquista da América, escritas durante o século XVI.

Palavras-chave: Século XVI, Conquista da América, Culto aos Santos, Religião, Religiosidade.

INTRODUÇÃO:

“[...] que seja exaltada principalmente na nossa época, e em toda a parte se espalhe e se dilate a fé católica e a religião cristã, se cuide da salvação das almas, e se abatam as nações bárbaras e sejam reduzidas à mesma fé” (Bula Inter Caetera, 1493).

A expansão da doutrina cristã foi um dos argumentos mais utilizados pelos “espanhóis”, para justificar e legitimar a Conquista². Ser cristão era ser integrante da única e verdadeira religião, que possuía como missão salvar as almas, retirando-as da influência e do domínio do demônio, o maior inimigo dos cristãos.

Na América, esta convicção levou os “espanhóis” a considerarem como

¹ Doutor em História pela Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Assis. Professor do Centro Universitário de Jales-SP.



demoníaco tudo aquilo que, de alguma forma, manifestasse traços de uma religiosidade desconhecida por eles³. Desta maneira, mantinham aspectos da tradição medieval referentes à propagação do evangelho, que podem ser resumidos em: aceitar a *verdade* pregada por eles ou morrer por não aceitá-la. Verifica-se esta prática, por exemplo, quando os nativos não aceitavam o *Requerimiento*; como consequência ocorria o confronto entre eles e os conquistadores e muitas mortes; porém, quando o aceitavam iniciava-se um processo de conversão, no quais os religiosos utilizavam, também, como instrumento de trabalho, a paciência, isto é, acreditavam que, aos poucos, fariam com que os nativos conhecessem a *verdadeira doutrina*. Esta atuação dos religiosos tem como influência a própria formação cultural que receberam, pois, foram criados num ambiente onde, de certa forma, existia uma convivência harmoniosa entre religiões diferentes: cristã, muçulmana e judaica. Essa formação fez com que o mesmo espírito se fizesse presente entre muitos dos religiosos que procuravam, aos poucos, conquistar os nativos para o catolicismo. No decorrer deste processo os missionários cristãos fizeram uso das vidas dos santos como instrumentos para a conquista espiritual, porém, esta, independente da vontade deles – dos missionários – acentuava a conquista material.

No entanto, esse último fator era constantemente combatido pelos religiosos, para os quais a Conquista deveria ser sim uma luta, porém uma luta para ganhar almas para o cristianismo. Viviam em clima de guerra, porém, não em uma guerra de homem contra homem, provocada pela ambição material de uma das partes, ou das duas, mas sim, de uma guerra iniciada por Jesus Cristo contra o demônio. Nessa guerra, segundo os religiosos, as armas tradicionais não traziam o resultado almejado pelos conquistadores leigos. Eles só conseguiriam a vitória pela fé, pois, a guerra era espiritual, embora se manifestasse de forma material: na eliminação dos ídolos e da idolatria.

Essa situação é manifestada pelo agostiniano Frei Alonso de Veracruz da seguinte forma:

² Outro argumento foi a divulgação na Europa da forma como o poder era exercido no Novo Mundo. Difundia-se que, os nativos viviam sob o domínio de tiranos este fato, também justificava e legitimava a atuação dos espanhóis, pois, atuavam como libertadores dos nativos.

³ Sobre essa temática, veja: BERNAND, C. & GRUZINSKI, S. *De idolatria. Uma arqueologia de lãs ciências religiosas*. México: Fondo de Cultura Econômica. 1992.



No es con una escolta de militares, ni con una caterva de siervos como há de vencerse al mundo. ‘*Las armas de nuestras milicia no son carnales sin espirituales*’ porque no luchamos contra brigadas de militares o falanges armadas, ‘*sino contra las potestades y los principes de las tinieblas*’. ‘*La victoria que triunfa es esta fé por que los santos por la fe vencieron los reinos y alcanzaron las promesas*’(VERACRUZ, 1994,p.137) .

Com essas palavras, Frei Alonso de Veracruz valorizava a crença no sagrado como instrumento de conquista. Na concepção dos religiosos, o combate contra o demônio seria vencido com a fé e não com a força imposta pelas armas que eram terrenas e não atingiam o espírito dos nativos, “contaminados” pelas forças demoníacas. Além dessa constatação dos religiosos e das categorias que eles representam, havia outro fator que, pelo menos no plano teórico, impedia o uso de armas. Era considerado injusto o uso de armas contra aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer o evangelho⁴.

No entanto, as aspirações dos leigos (tais como a busca do enriquecimento) predominavam na América de princípios do século XVI, segundo pode ser constatado, entre outros, nos escritos de Bernal Diaz del Castillo (1947), Fernando Alva Ixtlilxochitl (1956). Estas aspirações se faziam presentes mesmo dentro do clero⁵. Em oposição a esta situação, frei Alonso prega as virtudes da doutrina cristã, seguidas pelos primeiros evangelizadores que, sem temer, enfrentaram o martírio em nome da fé. Com a morte, venceram os inimigos, tornando-se santos e, como tais, modelos a serem seguidos por todos. Partindo dos bispos até os simples vigários, todos, segundo frei Alonso, deveriam ter como norma e exemplo os feitos “ de aquellos que en el principio de la iglesia se presentaban como ministros en toda Santidad[...]”. Entre os quais se

⁴ Embora considerado como injusto o uso de armas contra os nativos, poucos eram os religiosos que acreditavam na conversão deles. Isto pode ser afirmado em virtude da prática que tinham de tirar as crianças do domínio dos pais para criá-las, educando-as segundo os valores cristãos. Os religiosos justificam esta atitude afirmando que faziam isto por que não acreditavam na conversão dos adultos e velhos. Cf. CARTAS DE INDIAS, 1974. T.I. p. 56.

⁵ Um exemplo desse problema denunciado pelo agostiniano também se encontra numa carta do franciscano Francisco de Toral, de 25 de maio de 1558, destinada ao Imperador. Nela, o frei pede ao monarca que envie “*perlados sanctos y selozos*” pois estes estão em falta. Segundo o frei, num raio de 300 km, existiam somente dois: o arcebispo do México e o bispo de Mechuacan. Ambos se importavam mais em receber dízimos do que com a doutrina. Cf: Cartas de Indias. Madrid. Atlas. 1974. p. 132.



destacam os de: “ Pedro, Pablo, Andrés, Santiago, y sus innumerables sucesores que despreciadas las vanidades del mundo, imitaron la humanidad de Cristo”(VERACRUZ, 1994, p.137).

Fazendo referência a esses modelos, Frei Alonso fazia uma crítica indireta ao comportamento dos conquistadores e aos membros seculares da Igreja que, na América, segundo ele, visavam a manter-se por meio dos dízimos arrecadados (de forma obrigatória) e do trabalho indígena; por outro, reforçava a teoria, segundo a qual os naturais deveriam ser convertidos, seguindo os princípios da Igreja primitiva, dos quais eles eram os portadores. Acreditavam que, com tais princípios, poderiam resolver todas as necessidades pastorais que surgiam no Novo Mundo.

O culto e a “imitação” dos primeiros evangelizadores, considerados santos, tornavam-se um dos pontos de sustentação dessa política e prática dos religiosos. Tinham como referência básica os santos que sofreram martírio por amor à doutrina cristã, neles encontravam os modelos de fé que deveriam seguir e propagar. Com isto, por um lado, conseguiam o próprio encorajamento para enfrentar a missão que assumiram e, por outro, encontravam, nas vidas dos santos, a forma de tornar mais acessível aos naturais os ensinamentos contidos na doutrina cristã.

Na atuação e nos sofrimentos passados pelos santos, os religiosos encontravam o amparo para suportar as dificuldades impostas a eles pelos nativos e pela natureza e, ainda, pelos conquistadores leigos. Os religiosos acreditavam que, com a devoção e a ação evangelizadora, os sofrimentos tornar-se-iam em glória, assim como a conquistada pelo santos.

Nesta perspectiva, é ilustrativa uma carta do primeiro bispo de Tlaxcala, Julián Garcés, dirigida ao Papa Paulo III (1534-1549). Trata-se de um exemplo de equiparação entre as dificuldades passadas pelos religiosos na América, com os sofridos por São Tiago. Nesta carta, D. Julián, ao narrar a capacidade de aprendizado demonstrado pelos nativos, comenta o seguinte:

Trabalhamos para conquistar suas almas [dos índios], pelas quais Cristo, Nosso Redentor, derramou seu sangue. Nós lhe opomos como objeção sua barbaridade e idolatria, como se tivessem sido melhores nossos pais, de quem nos originamos até que o apóstolo São Tiago lhes pregou e os atraiu ao culto da fé, fazendo-os de malísimos, boníssimos; e deles saíram resplandecentes luminas de mártires, doutores e virgens, que seria longo e desnecessário contar (SUESS, 1992, p. 261).⁶

⁶ Esta mesma perspectiva é apresentada por Bartolomeu de las Casas. Cf. LAS CASAS 1957. p. 13.

A difusão das vidas dos santos, que haviam sido os primeiros evangelizadores e, também, os primeiros mártires, tornava-se instrumento fundamental na implantação da conduta cristã, pelo fato de servirem como fonte de encorajamento para os religiosos e por dar legitimidade à autoridade que exerciam⁷. Na medida em que a conduta dos religiosos se aproximava à vivida pelos santos, o efeito dos seus atos e das palavras, proferidas por eles aos nativos ganhavam mais respeito e confiança por parte daqueles que estavam em processo de conversão e viam nos religiosos pessoas que possuíam uma conduta de vida semelhante a dos santos (testemunho dos próprios religiosos)⁸. Desta maneira, os religiosos encontravam na conduta que viviam outra forma de legitimar a autoridade que já possuíam via bula.

A divulgação das vidas de santos constituiu-se um dos caminhos mais praticados pelos religiosos⁹. Nesta direção, podemos citar como exemplo o empenho deles em encontrar um meio de passar aos nativos e de reafirmar ou até mesmo “catequizar” os conquistadores na doutrina cristã implícita nas vidas de santos. Por meio das *estórias* de vida, tornava-se mais fácil transmitir aos nativos as verdades cristãs, que também podiam ser encenadas ou narradas de forma dramática. Dentre os trabalhos realizados nesta perspectiva, podemos citar, no México, os de Frei Juan de la Cruz (?-1574)¹⁰, Frei Juan de Guevara (1547-?)¹¹, Frei Juan de Medina (?-1602?)¹²,

⁷ Como exemplo do uso como instrumento de legitimidade, encontramos, entre outros textos, a oração do Credo, adaptada ao nahuátl por Sahagún, que a apresenta da seguinte maneira: “Dice el amado de Dios san Pedro: Creo en Dios Padre Todopoderoso, que creó el cielo y la tierra./ Dice el amado de Dios san Andrés: Y creo en Jesucristo, su único Hijo, que es nuestro Señor./ Dice el amado de Dios Santiago el Mayor: El cual fue engendrado por [obra de] el Espíritu Santo [y] nació de la virgen santa Maria./[...]” (SAHAGÚN, 1999, p. 15-17).

⁸ As críticas feitas por Guamam Poma de Ayala aos sacerdotes cristãos deve-se ao fato de os mesmos não terem uma conduta de vida “religiosa” e, sim, mundana. Sustentavam o seu poder pela autoridade legal que possuíam e não por aquela conquistada pelos atos de fé próprios da doutrina cristã.

⁹ Nesta direção, contribuiu a difusão, entre os índios da crença no poder de intervenção dos santos, cujo culto foi fortalecido pelas ordenanças que o tornavam uma obrigação. Uma das primeiras, neste sentido, foi, segundo Bernal Díaz, a ditada por Cortés, no segundo dia da Páscoa de 1521. No seu primeiro item, condena com graves penas a todos aqueles que blasfemarem contra Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora, os Santos Apóstolos e os demais Santos (DÍAZ DEL CASTILLO, 1947, p. 173).

¹⁰ Frei Juan de la Cruz chegou à América em 1539. Foi conhecedor das línguas náhuatl, huasteca e mexicana. Sobre o catecismo que elaborou em língua huasteca, faz o seguinte comentário, numa carta dirigida ao vice rei Martin Henrique: “ Conocido, muy Excelente Señor, no por relación sino por experiencia el santocelo con que Vuestras Excelencia desea, y por todas vías procura el bien y salud de las ánimas de los indios naturales de estas, partes, y habiendome mandado V E, movido del mesmo celo, procurase, para favorecer las ánimas de los indios huastecos, gente muy falta y necesitada de doctrina, hacer un catecismo com que fuesen instruidos en las verdades de nuestra fe, hice en cumplimiento de lo que VR me mandó. Esta breve doctrina en dos lenguas, española y huasteca, para que, por la una, se saque facilmente la otra: también mediante el divino favor, hice y recopilé el arte para aprender dicha lengua: en lo cual, además de mi trabajo, me he aprovechado de los trabajos de otros padres y ministros celosos de la salvación de aquella pobre gente, de otros muchos, de los cuales me he ayudado para examinar la congruencia y correspondencia de la lengua huasteca a la nuestra española” Cf. ICAZBALCETA, 1981. p.248.



Frei Melchior Vargas¹³, Frei Juan de la Anunciación¹⁴ e Frei Bernardino de Sahagún. No Peru, os de Toribio de Mongrovejo. Embora pertencendo à América portuguesa, os esforços do Pe. José de Anchieta, no Brasil, enquadravam-se na mesma perspectiva.

Sobre a utilização pelos religiosos mencionados, das vidas, ações e milagres dos santos, principalmente dos mártires, apresentamos três exemplos. O primeiro é extraído da *Psalmódia Christiana* de Bernardino de Sahagún, trata-se de 4 salmos que fazem referência a São Tiago.

Neles, São Tiago é apresentado como o guerreiro de Jesus Cristo que combatia os infiéis. Para demonstrar isso, os pregadores enalteciam os milagres e as intervenções do apóstolo, realizados no decorrer da Reconquista. Desta maneira, enfatizavam, por um lado, o vínculo do apóstolo com a Espanha e, por outro, a proteção do mesmo aos governantes castelhanos, visto que São Tiago era o patrono celestial do monarca¹⁵ e como resultado obtinham o maior temor dos nativos, tornando mais fácil o controle sobre eles.

Além da tradição oral, auxiliava na elaboração dos salmos as informações presentes, entre outras obras, nas *Vidas de Santos* e no *Liber Sancti Iacobi*. Tais narrativas serviram de referencial básico no processo de manutenção e divulgação do culto a São Tiago na América. Sahagún, como mencionado, utilizou-se delas para elaborar quatro salmos específicos. Na sequência, faço a reprodução e comentário dos mesmos.

A) O PRIMEIRO SALMO:

Sea celebrada, sea difundida, sea muy lejos extendida la fama, la gloria
del amado de dios Santiago Apóstol. /Sean conocidas, sean escuchadas,
sean admiradas las obras, la fuerza del insigne guerrero,

¹¹ Natural de Toledo, chegou à América em 1547. Elaborou a “Doctrina Cristiana en lengua huasteca” que foi impressa no México em 1548. Com base nesta obra, Frei Juan de La Cruz elaborou o seu “Catecismo” na língua huasteca.

¹² Sobre a data de nascimento e falecimento deste religioso não se tem precisão, segundo Frei Luciano Nuñez Mendoza, o ano provável da morte de Fr. Medina é 1602. Sua obra catequética está dividida em 2 tomos escritos em tarasco. O primeiro é constituído por sermões e diálogos sobre os mandamentos da fé, sermões e diálogos sobre os sacramentos, e tabela de sermões e questões sobre os mandamentos da igreja, pecados capitais e obras de misericórdia, um diálogo e finaliza com sermões.

¹³ Escreveu na língua Otomi a Doutrina Cristã. A mesma foi impressa no México, em 1576, em castelhano, nahuatl e otomi.

¹⁴ Elaborou em nahuatl uma doutrina cristã e um livro de sermões, ambas de forma extensa. Tais obras foram publicadas em 1575. No entanto, para facilitar o trabalho dos missionários, publicou uma síntese das mesmas em 1572.

¹⁵ Lopes Alsina, Fernando. La Ciudad de Santiago de Compostela en la alta Edad Media. Santiago de Compostela: Ayuntamiento de Santiago de Compostela/ Centro de Estudios Jacobeos. 1988.p. 147.



nuestro capitán./Sea contemplado, sea mostrado ante todos cuánto reluce la maravillosa guarnición de su caballo blanco, sus preciosos arreos./Sea alabada su preciosa espada, que tan fuerte brillo despidе cuando va golpeando, cuando va causando gran estrago en nuestros enemigos./Tan gran temor se extiende entre los aturdidos moros [y] turcos, que huyen de su presencia, se caen las albardas /Muy resplandeciente va, resonando va su malla de oro, su peto de hierro; lleno de brazaletes [y] de jades va (SAHAGÚN, 1999, p. 221).

Este salmo, originalmente escrito em náhuatl, tem como meta uma dupla propaganda do culto ao apóstolo e dos poderes do mesmo; isto é, solicita-se àqueles que tenham tomado conhecimento das ações do apóstolo que a propaguem também como uma forma de render homenagens ao santo - *sea difundida, sea muy lejos extendida la fama, la gloria del amado de dios Santiago apóstol* . Visa-se ao estabelecimento de uma corrente de divulgação. Os valores e as funções do santo são, também, transmitidos por dados externos - *sea mostrado ante todos cuánto reluce la maravillosa guarnición de su cavallo blanco, sus preciosos arreos*. Desta maneira, pretendia-se difundir os feitos e a grandeza de Santiago, apresentando-o como guerreiro e capitão supremo das forças espanholas, que impôs temor aos mouros e turcos, tradicionais inimigos dos cristãos. É interessante destacar que os nativos não aparecem, diretamente, como inimigos, porém, verifica-se que o salmo é direcionado àqueles já “convertidos” ou em processo de conversão, portanto, de certa maneira, aliados ou submetidos aos conquistadores. Para estes naturais, Santiago é apresentado como protetor dos recém-chegados, condição que aqueles que já haviam aceitado o cristianismo podiam usufruir e, que aqueles que viriam a aceitar a nova religião passariam a usufruir.

Desta maneira, é transmitida aos nativos uma imagem dúbia de São Tiago. Por um lado, é positiva, com a qual podiam contar se abraçassem a religião cristã e negativa, se não a aceitassem, tornando-se, assim, como os mouros e turcos, inimigos dos espanhóis. É também perceptível, neste salmo, a valorização das características locais, por exemplo, a indumentária de São Tiago é constituída com elementos, tais como: ouro, ferro, braceletes de Jade. Elementos de significativo valor local, pois eram com eles que os nativos confeccionavam as vestes dos ídolos. Ao utilizar signos lingüísticos em *náhuatl* e ao colocar alguns elementos locais, Sahagún torna a caracterização de Santiago mais acessível ao universo cultural dos nativos,



possibilitando até que viessem a ver Santiago. Colabora nesse processo o fato da caracterização do apóstolo aproximar-se daquelas que os nativos viam nas principais divindades que constituíam o panteão asteca, pelo menos, quanto à indumentária. Isto nos demonstra certa adaptação do mito às condições da América, distanciando-se das condições originais desenvolvidas durante a Reconquista. Com esta estratégia, Sahagún visava a facilitar a implantação dos valores cristãos em lugar dos seguidos pelos nativos.

B) SEGUNDO SALMO:

Nuestro rey Jesucristo llamó, escogió a Santiago como soldado suyo./Cuando ya iba a comenzar la guerra en la que fueron atacados el gran demonio y todos los demonios compañeros suyos, llamó entonces al valiente guerrero Santiago y a su hermano san Juan./Santiago se convirtió en capitán de nuestro rey Jesús. También lo hizo jefe superior. /A doce capitanes escogió Jesus, pero sólo tres fueron sus jefes principales. /A san Pedro, a Santiago y a san Juan los hizo jefes superiores Jesús. Y también ante estos tres reveló su reino en el [monte] Tabor./Y también en presencia de ellos rogó a su Padre, Dios, y sudó sangre en el huerto de Getsemaní (SAHAGÚN, 1999. p. 221).

Neste salmo, a escolha dos apóstolos, particularmente de São Tiago, é expressa de maneira a ser compreendida pelos nativos. Para tanto, Sahagún faz uso da forma utilizada pelos astecas para eleger os sucessores dos seus líderes mortos: os superiores de um estado se reuniam com os guerreiros mais velhos para deliberar e eleger o novo “rei”.

Por meio dessa estratégia, Sahagún reforça a importância de São Tiago perante os nativos e, ao mesmo tempo, apresenta os objetivos da religião cristã. Nesta parte, utiliza outras estratégias, entre estas, faz referência a uma guerra - algo conhecido dos naturais - travada entre Jesus Cristo e os demônios, isto é, entre o bem e o mal. O bem é representado pela doutrina que trazem, e o mal pelas práticas tradicionais mantidas pelos naturais. Práticas que, segundo as concepções cristãs, faziam com que os nativos se tornassem "prisioneiros" do demônio. Portanto, deveriam ser combatidas. Nesse combate, São Tiago representa o bem. Foi o escolhido por Jesus Cristo para ser o capitão maior das suas forças contra o mal. Desta maneira, firma-se a grandeza do



apóstolo, e procura-se demonstrar aos nativos a negatividade existente na religião que seguiam.

Ao utilizar a guerra como contexto para explicar a escolha de São Tiago por Jesus Cristo, Sahagún instruía os nativos e reforçava os valores cristãos, estabelecendo e mostrando a eles a existência de um paralelo entre a estrutura terrena e a sobrenatural, vínculo que ajudava, também, os nativos a assimilarem certos aspectos da cultura dos conquistadores, tais como a força e o poder de São Tiago.

C) TERCEIRO SALMO:

Entonces dispersó Jesus a sus capitanes para que hicieran la guerra espiritual por todas las partes del mundo./Y la tarea de nuestro gran capitán Santiago fue guerrear contra los demonios en España./Comenzó su predicación en un lugar llamado Galicia. Muchos fueron los milagros que realizó./Tan gran admiración causaron sus sermones, que se hizo creyente la reina doña Loba./Allá en Galicia está su gran templo; muy honrado es en todas las partes del mundo./Allá fue a admirarlos el gran sacerdote, el Santo Padre. Allá dejó nombrado los cardenales (SAHAGÚN, 1999, p.223).

Se, no primeiro salmo temos o apelo, a divulgação do apóstolo e de suas ações e, no segundo, temos elementos que visam a justificar o porquê São Tiago desempenha a função de guerreiro e líder das forças cristãs. No terceiro, temos o específico, São Tiago como guerreiro de Jesus Cristo na Espanha, cuja função era eliminar os demônios. Ao apresentar a existência de demônios na Espanha, com os quais o apóstolo combateu, Sahagún legitima e justifica a presença de São Tiago na América, local, segundo a visão dos religiosos e também dos leigos, dominado pelas forças do mal.

Portanto, no terceiro salmo, justifica-se a Conquista pelo fato de a mesma ser uma guerra espiritual travada entre o bem e o mal. Os espanhóis vieram para combater o mal manifestado nos ídolos, no culto e nos sacrifícios oferecidos aos mesmos. São Tiago é o líder eminente, todos o reverenciam. É o ser sobrenatural que os guia e os protege.

D) QUARTO SALMO:

Nosotros, gentes de la Nueva España, hemos de honrar mucho la sala de nuestro gran capitán, donde es guardado con mucho celo su cuerpo, en un lugar llamo Santiago, en Galicia./Pero también nuestro gran



capitán Santiago vino a guerrear a esta Nueva España contra nuestros enemigos los demonios./Su corona celestial, su guirnalda de oro las recibió en el cielo; se las dio Jesús, nuestro muy amado Salvador./ Con su vida de santidad imitó nuestro gran capitán Santiago a nuestro rey Jesús./Y también lo imitó con su muerte: por la fe derramó él su sangre [como] roja guacamaya [y]amatista (SAHAGÚN, 1999, p. 223grifo nosso)."

Neste salmo, Sahagún reconhece um novo *status* aos nativos - passam a ser *gentes de la Nueva España*; e, com o tal, devem, também, venerar o apóstolo cujo corpo encontra-se em Compostela, Galicia. Porém, a distância - Nueva España/Galicia - é rompida ao afirmar que São Tiago também estava nas terras americanas lutando contra os demônios, conforme é enfatizado: “ Pero también nuestro gran capitán Santiago vino a guerrear a esta Nueva España contra nuestros enemigos los demonios”.

Desta maneira, justifica-se a vivência do mito e, ao mesmo tempo, a incentiva. Por meio dessa prática, legitima-se a guerra justa e, poderíamos dizer, não deixa dúvidas aos conquistadores sobre a missão que tinham: combater o demônio e evangelizar os nativos. São Tiago era a expressão dessa missão.

O segundo exemplo é relativo ao trabalho de Toribio de Mongrovejo, que fez da sua vida um exemplo de evangelização¹⁶. Tinha como preocupação maior, como organizador do arcebispado de Lima, o desenvolvimento da catequese. Sua meta era chegar aos nativos da forma menos violenta possível, visava a ganhá-los pelo exemplo de vida que lhes dava e pela persuasão. Esta perspectiva refletiu-se no *III Concílio Limense*, realizado sob sua direção em 1583. Nele, entre outros temas, foram tratados: o problema da confissão e da comunhão aos nativos (como deveria ser feita a confissão? Quando um nativo estaria apto a comungar?) e como apresentar aos nativos a Verdade (cristã) sem violentá-los?

Destas questões, o uso do culto e das vidas dos santos está mais relacionado com a última. Segundo Toríbio, os nativos teriam que ser doutrinados com paciência. Os religiosos deveriam aprender a língua nativa, por meio da qual, aos poucos, introduziriam a doutrina cristã. Como instrumentos, nesse trabalho de persuasão, deveriam fazer uso do

¹⁶ Pertencente a uma família nobre de Leão, Toribio de Mongrovejo nasceu em 1538. Estudou em Valladolid, Salamanca e Santiago de Compostela. Licenciou-se em direito. Em 1573, foi nomeado membro da Inquisição. O papa Gregório XIII nomeou-o arcebispo de Lima, cuja jurisdição estendia-se por Cusco, Cartagena, Popayán, Assunção, Caracas, Bogotá, Santiago, Conceção, Córdoba, Trujillo e Arequipa. Faleceu em 1606, num povoado situado próximo a atual cidades de Chiclayo a 750 Km ao norte de Lima. Foi canonizado em 1726. Cf. SGARBOSSA; GIOVANI, 1996, p. 92).

exemplo da própria conduta e da vida dos santos, por meio das quais divulgariam o poder de Deus.

Um exemplo desta conduta nos é apresentada pelo arcebispo Campos, sucessor de Toribio de Mongrovejo na diocese de Lima. Seguindo os ensinamentos de Toribio, ao contradizer os padres que diziam que os nativos não poderiam comungar porque não entendiam a doutrina cristã, o arcebispo Campos afirma:

Yo no admito esta excusa, por estar en su mano, trabajando con ellos, el hacerlos capaces, yo so si lo fui enseñando y dando ejemplo por mi persona, adocrinándoles y enseñándoles de mi mano y mostrándoles cómo aquello se debía hacer y cómo era que si debía hacer. Ahora envío una mision de 8 padres que vayan visitando todo mi arzobispado a mi costa, para que trabajen en este intento y doctrinen y ensinen a los índios y ayuden a los curas y doctrineros , porque hallo que la disposición de los indios no es mala, sino buena y de mucha humildad; falta cultura, enseñanza y trabajo (apud PERENTE, s/d, p. 115).

Como terceiro exemplo, apresentamos a atuação do trabalho do Pe. José de Anchieta (1534-1597) na América Portuguesa (Brasil) que seguindo, também, a perspectiva de utilizar as vidas de santos, como instrumento de catequização, escreveu vários *autos* a serem encenados nas festas religiosas.

Esses tinham como meta apresentar aos nativos o confronto constante entre Deus e o Demônio (Tupã *versus* Anhangá/Guaixara), sempre destacando o poder de Deus (do bem) sobre o Demônio (o mal). Como integrantes do “exército” de Deus, enfatiza o empenho e a dedicação dos santos contra os espíritos maléficos, servos do Demônio.

A mensagem transmitida nos autos é o resultado de um trabalho de “aculturação lingüística” (BOSI, 1992, p. 64) por um lado e, por outro, da utilização de recursos próprios do Teatro. No campo lingüístico, Anchieta utiliza vocábulos tupis, guaranis, portugueses e espanhóis. Aos primeiros – tupi e guaranis – atribui novos sentidos, criando, dessa maneira, um novo “universo” simbólico que torna mais compreensível a doutrina cristã aos nativos.

Como recurso do teatro, utiliza: a entonação da voz, gestos e alegorias. Com essas estratégias, Anchieta mostrou, de forma mais acessível, aos nativos, testemunhos da confiança e do amor que os santos tinham para com Deus e as recompensas que Deus lhes dava: o poder sobre os demônios (Cf. BOSI, 1992, p. 64-93).

Como exemplo do trabalho de Anchieta, destacamos o “auto de São Lourenço”, com versos escritos em tupi, guarani, português e espanhol. Nesse *auto*, Anchieta inovou, foi além do processo de desnaturação utilizado por autores como Sahagún. Anchieta não narrou a história tradicional do santo, mas elaborou uma estória na qual os “heróis” e servos de Deus (São Lourenço e São Sebastião) lutavam contra forças conhecidas pelos nativos¹⁷. Desta maneira, trazia, para o momento contemporâneo, o poder do santo, de forma a ser compreendido melhor por eles. Nos versos iniciais do auto, Anchieta apresentava aos nativos o martírio e a morte de São Lourenço, como instantes de aparentes sofrimentos causados pelo fogo, que assava o corpo do santo e o tempo utilizado por ele para reafirmar o amor a Jesus Cristo¹⁸. Com esta estratégia, Anchieta passava a exemplificar o poder que os servos de Deus, mesmo após a morte, tinham sobre seus inimigos, naquele caso o demônio, que, no auto, recebia o nome de Guaixará, o responsável pela idolatria vivida pelos nativos, comportamento contrário à doutrina cristã propagada pelos jesuítas.

Os exemplos apresentados, ao demonstrarem o uso das vidas e ações dos santos como instrumentos utilizados pelos religiosos como meios de propagar a doutrina cristã, dão continuidade à prática assumida pelos evangelizadores, desde os primeiros tempos da expansão do cristianismo, na Europa, onde era freqüente a utilização dos lugares de cultos tradicionais, considerados pagãos, como locais a serem ocupados pelo culto cristão. No artigo *"Paganisme, syncrétisme et culture religieuse populaire au Haut Moyen Age. Reflexion de méthode"* de Rudi Künzel (1992), encontra-se uma das primeiras equiparações sobre a prática evangelizadora realizada pelos missionários, durante a alta Idade Média, com a praticada pelos religiosos na América, particularmente no Peru.

¹⁷ Sobre São Lourenço, encontramos narrativas que relatam a tradição em obras elaboradas na Idade Média. Entre elas: na Legenda Áurea de Jacopo de Varazze e em Poesias de Gonzalo de Berceo.

¹⁸ Anchieta apresenta o martírio de São Lourenço nos seguintes versos: Por Jesus, meu Salvador,/Que morre por meus pecados,/Nestas brasas morro assado/Com fogo do seu amor. / Bom Jesus, quando te vejo/Na Cruz, por mim flagelado,/Eu por ti vivo e queimado/Mil vezes morrer desejo./ Pois teu sangue redentor/Lavou minha culpa humana, /Arda pois eu nesta chama / Com fogo de teu amor./O fogo do forte amor, /Ah, meu Deus !, com que me amas, /Mais me consome que as chamas /E brasas, com seu calor. Pois teu amor, pelo meu /Tais prodígios consumou,/Que eu, nas brasas onde estou,/Morro de amor pelo teu (ANCHIETA,s/d, p.59).



FONTES

ANCHIETA, J. *O auto de São Lourenço*. Introdução e adaptação de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Edições de ouro. s/d.

BERCEO, G. *Poesias*. In: SANCHEZ, Tomaz Antonio (Ed.) *Poetas Castellanos Anteriores al siglo XV*. Madrid: Atlas, 1952. (Biblioteca de Autores Españoles, 57).

CARTAS DE INDIAS - Madrid: Atlas, 1974. 3 tomos. (BAE Biblioteca de Autores Españoles).

DIAZ DEL CASTILLO, B. *Historia Verdadera de los Sucesos de la Conquista de la Nueva-España*. In Enrique de Vedia (ed.) *Historiadores Primitivos de Indias*. Madrid: Atlas, 1947. Tomo II p 1-317.

IXTLILXOCHITL, F.A. *Relación de l avenida de los españoles y principio de la ley evangélica*. In: GARIBAY K, A.M. (Ed.) *Historia General de lãs Cosas de Nueva Espana*. México D.F. Porrúa, 1956. Vol. 4. p.187-276.

LAS CASAS, B. *Historia de las Índias*. Peres Tudela, L. Madrid: Atlas, 1957.

SAHAGÚN, B. *Psalmodia Christiana*. Edição, introdução e versão do náhuatl e notas de José Luis Suárez Rocca. Leon: Instituto Leonés de cultura, 1999.

SUESS, P. (org.) *A Conquista Espiritual da América Espanhola*. Petrópolis: Vozes, 1992.

VARAZZE, J. *Legenda Áurea-Vidas de Santos*. São Paulo: Companhia das Letras. Tradução do Latim, apresentação, notas e seleção iconográficas de Hilário Franco Júnior.

VERACRUZ, Fray Alonso de la – *Sobre los Diezmos*. México: Organización de Agustínianos de Latiniamerica OALA,1994. (Colección: Cronistas y Escritores Agustinos de América Latina).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNAND, C. & GRUZINSKI, S. *De idolatria. Uma arqueologia de lãs ciências religiosas*. México: Fondo de Cultura Econômica. 1992.

BOSI, A. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ICAZBALCETA, J.G. *Bibliografia Mexicana del siglo XVI*. México, 1981.

KÜNZEL, R. *Paganisme, syncrétisme et culture populaire au Haut Moyen Age*. In: *Annales E.S.C.* Paris: Armand Colin, 1992.

LOPES ALSINA, F. *La Ciudad de Santiago de Compostela en la alta Edad Media*. Santiago de Compostela: Ayuntamiento de Santiago de Compostela/ Centro de Estudios Jacobeos. 1988.

PUENTE, J.A. *Cinco siglos de Evangelización*. In: *Galicia, Santiago y América*. Santiago de Compostela. Xunta de Galicia, 1993. p. 107-120.

SGARBOSSA, M. & GIOVANNI, L. *Um santo para cada dia*. São Paulo: Paulus, 1996.

Prof. Dr. Adailson José Rui
e-mail: aj.rui@terra.com.br
UNIJALES - Centro Universitário de Jales - Unidade Central
Fone (17) 3622-1620
Av. Francisco Jalles, n.º 1.851
CEP: 15700-000
Jales - SP



ESTUDO DE FATORES DE RISCO PARA DST/AIDS COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE JALES – SP

Paulo C. Germano¹, Giselma C. R. Cassimiro¹, Mariana C. Malvezzi¹, Alessandro B. da Silva¹, Lílian S. L. Favaro¹, Thiago Ap. de Melo Campos¹, José M. Marcatto¹, Gema Ap. P. Rosa¹, Gláucia da M. Bueno² e Fábio R. Lombardi¹

Resumo: Nos países em desenvolvimento, os adolescentes e jovens constituem a população mais susceptível às doenças sexualmente transmissíveis (DST), incluindo a AIDS. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que metade das novas infecções com o HIV ocorre em jovens de 10 a 24 anos, resultando em, aproximadamente, 6.000 casos a cada dia.

Este trabalho tem por objetivo avaliar o conhecimento dos jovens sobre DST/AIDS, corrigir os conceitos equivocados, além de manter um trabalho contínuo sobre o assunto, a fim de afastar os jovens das situações de risco.

Nossos resultados mostraram que o jovem, atualmente, conhece a importância do preservativo nas relações sexuais, bem como, em caso de adquirir uma DST, sabe onde procurar ajuda especializada.

No entanto, os dados mostraram que há uma necessidade de se discutir conceitos básicos, tais como, vias de transmissão das doenças, formas de prevenção de DST e de gravidez, pois, alguns jovens têm conceitos errados sobre estes assuntos.

É necessário também esclarecer aos jovens que os melhores meios de se adquirir informações sobre DST/AIDS é através da escola e de livros especializados no tema, já que outras fontes tais como, parentes, amigos e Internet podem trazer informações equivocadas.

Palavras-chave: Adolescência, DST, AIDS, Saúde Coletiva.

INTRODUÇÃO

Os adolescentes apresentam alta prevalência dos chamados comportamentos de risco para as DST: início sexual precoce, múltiplos parceiros sexuais, relações sexuais desprotegidas, uso de álcool e drogas ilícitas (LEIGH, 2002).

¹Departamento de Ciências Biológicas - Centro Universitário de Jales (UNIJALES), Jales, SP.

²Departamento de Psicologia – Universidade São Francisco, Itatiba, SP.

O exercício da sexualidade humana ocorre num complexo contexto biopsicossocial e pode estar influenciado fortemente por fatores orgânicos, por elementos sociais e emocionais, independentes da fase da vida (VITIELLO, 1997A; VITIELLO, 1997B).

No Brasil, assim como na maioria dos países em desenvolvimento, tem sido difícil estabelecer e manter um programa efetivo de rastreamento em comparação com programas de países desenvolvidos que obtiveram expressivas reduções de carcinoma cervical. Outros importantes estudos estão sendo conduzidos na tentativa de estabelecer estratégias para países em desenvolvimento (FLORES *et al.*, 2002).

O crescente progresso científico permite dizer que: se, já era difícil só ao médico lidar com a doença, a abordagem da saúde requer, obrigatoriamente, uma visão multiprofissional e integral, principalmente, ao se tratar de adolescentes (BONETTO *et al.*, 1998).

O número de casos de AIDS tem crescido rapidamente no Brasil, com um aumento significativo de casos atribuídos à transmissão heterossexual (29% em 1995-96 versus 3% em 1980-86). A epidemia da AIDS na população heterossexual está atingindo especialmente as classes sociais de menor poder aquisitivo, sendo já a principal causa de morte entre mulheres em idade reprodutiva (VIEIRA, *et al.*, 2004).

Além disto, a AIDS vem se concentrando nos grupos de indivíduos de idade mais jovem, atingindo especialmente a população dos adultos jovens com menor acesso aos serviços e programas de saúde, educação, moradia e emprego. No caso do Brasil, observa-se, também, uma concentração nos grandes centros urbanos; na cidade de São Paulo, por exemplo, encontram-se 29% de todos os casos reportados no país (Ministério da Saúde; 1996; VIEIRA, *et al.*, 2004).

Na população geral, as doenças sexualmente transmissíveis figuram como importante causa de morbiletalidade, tendo a sífilis algumas características que lhe dão destaque. É doença de elevada prevalência, com importante morbiletalidade na população acometida, exibindo, contudo, diagnóstico e terapêutica de fácil execução e baixo custo. O que implica em grande benefício à população exposta, pois o tratamento desta importante DST é acessível a todas as camadas sociais (Ministério da Saúde, 1999).

Como educadores, estamos fazendo o que nos é obrigação profissional – gerar conhecimento, educar, esclarecer e fazer do jovem um ser pensante por si só - sendo capaz de tomar suas próprias decisões de forma correta e na hora certa.



Como pessoas integrantes de uma sociedade, estamos dando nossa parcela de contribuição para um amanhã com menos problemas sociais e educacionais.

O objetivo deste trabalho é avaliar o nível de conhecimento dos jovens do Ensino Médio, quanto ao tema Doenças Sexualmente Transmissíveis, a fim de incentivar nos adolescentes comportamentos e atitudes que promovam sua saúde sexual e reprodutiva, gerando, assim, atitudes responsáveis quanto ao comportamento sexual.

MATERIAIS E MÉTODOS

A amostra da pesquisa foi retirada da E.E. Euphly Jalles, no município de Jales, estado de São Paulo. A amostra consta de 108 sujeitos, entre meninos e meninas, cujas idades estão entre 13 e 17 anos. A maioria destes estudantes trabalha no período da tarde, para ajudar no sustento de suas famílias de alguma forma.

Este estudo utilizou um planejamento, envolvendo as seguintes etapas:

1. Pré-intervenção: em que os alunos foram submetidos a um questionário semi-estruturado para avaliarmos o conhecimento dos mesmos sobre DST/AIDS.

Em seguida, realizamos o tratamento dos dados por meio de estatística descritiva e testes de proporção.

2. Intervenção: após análise dos dados da pré-intervenção, traçamos um plano pedagógico para suprir as deficiências conceituais dos alunos. Nesta etapa do projeto, utilizamos uma amostra de 13 jovens, uma vez que nem todos estariam disponíveis para participar da intervenção.

O plano pedagógico consistiu de palestras sobre DST/AIDS, em que foram discutidas as várias DST existentes, formas de transmissão, além de mostrarmos os sintomas dessas doenças através de ilustrações. Foram realizados debates, estilo “Fala garoto, fala garota”, para que os jovens pudessem esclarecer suas dúvidas sobre o tema do projeto.

3. Pós-intervenção: após a intervenção, reaplicamos o mesmo questionário utilizado na pré-intervenção, a fim de avaliarmos se o plano pedagógico havia sido adequado.

Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista – campus de São José do Rio Preto. Os responsáveis pelos jovens receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

RESULTADOS

A tabela 1 e a figura1, que se referem à renda familiar dos participantes da pesquisa, mostram que 55% dos participantes entre homens e mulheres possuem renda familiar de 1 a 3 salários mínimos. Enquanto 31% possuem renda de 4 a 6 salários mínimos, e 14% possuem renda de 7 ou mais salários mínimos.

Tabela 1. Tabela ilustrando a renda familiar, em salários mínimos, dos sujeitos da pesquisa.

Renda Familiar	Masc. + Fem.	Frequência relativa	Frequência acumulada
1 a 3	60	55%	60
4 a 6	33	31%	93
7 ou mais	15	14%	108

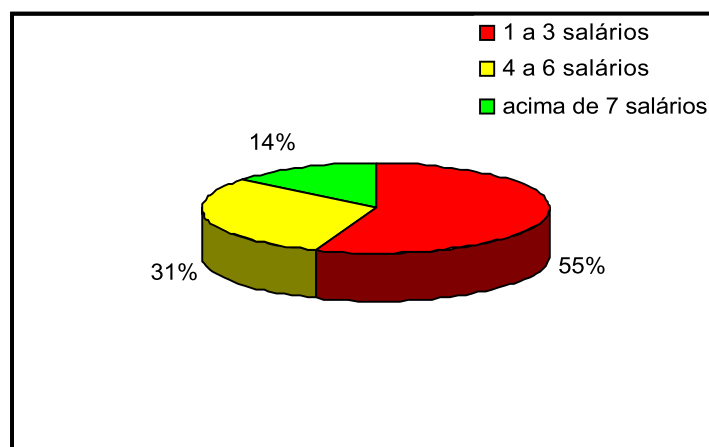


Figura 1. Gráfico ilustrando a renda familiar dos sujeitos da pesquisa.

Os dados da tabela 2 e figura 2 são em relação ao conhecimento dos adolescentes quanto ao local apropriado para se tratar um DST.

Os dados ilustram um excelente conhecimento dos jovens. Tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, pois a grande maioria procuraria hospital e UBS para tratar uma DST.

Contudo, dez jovens responderam que procurariam ajuda em farmácia, na residência ou em benzedeira.

Tabela 2. Tabela relacionando o conhecimento dos adolescentes quanto ao local para se tratar uma DST.

Local	Masculino	Feminino	Frequência Relativa
Hospital	25	38	51,6%
Farmácia	1	4	4,1%
UBS*	12	37	40,2%
Residência	1	3	3,3%
Benzedeira	1	--	0,8%
Sem resposta	--	--	--
Total de respostas	40	82	100%

*Unidade Básica de Saúde

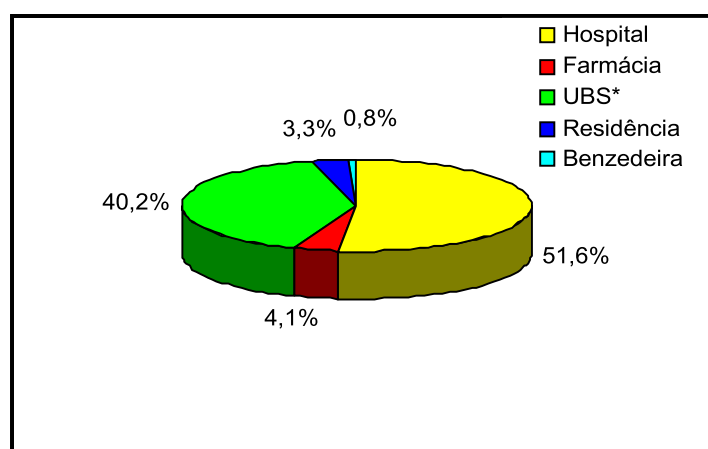


Figura 2. Gráfico ilustrando o conhecimento dos adolescentes quanto ao local para se tratar uma DST.

Quando avaliamos o conhecimento dos alunos sobre doenças que podem ou não causar DST, os resultados mostraram-se muito interessantes, de acordo com a tabela 3.

Os jovens confundem as vias de transmissão das DST com outras doenças infecto-contagiosa. Isso fica evidente, quando os jovens (masculino e feminino) relatam que pneumonia (8,18%), sarampo (7,77%), catapora (8,59%) e caxumba (7,36%) são DST.

Enquanto que uma outra porcentagem dos jovens relatou que gonorréia (11,66%), hepatite B (7,98%), sífilis (10,43%) e Sida (3,27%) são DST.

No total de respostas, entre erros e acertos, os jovens acertaram 54,5% e erraram 45,5% das opções.

Tabela 3. Relaciona as Doenças Sexualmente Transmissíveis que os adolescentes conhecem.

DST*	Masculino	Feminino	Frequência Relativa
Pneumonia	16	24	8,18%
Gonorréia	18	39	11,66%
Sarampo	15	23	7,77%
Hepatite B	13	26	7,98%
Coqueluche	3	6	1,84%
Herpes Genital	23	50	14,93%
Catapora	18	24	8,59%
Cancro Mole	11	19	6,13%
Sífilis	16	35	10,43%
Tuberculose	14	25	7,98%
SIDA [#]	5	11	3,27%
Tifo	1	3	0,82%
Cólera	6	8	2,86%
Caxumba	14	22	7,36%
Sem resposta	--	1	0,20%
Total de respostas	173	316	100%

[#] Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

* Doença Sexualmente Transmissível.

Estes dados, além de serem assustadores, deixam evidente que os adolescentes desconhecem as vias de transmissão dessas doenças, além de que, todos sabem que AIDS (termo em inglês) é uma DST, no entanto, SIDA (termo em português) desconhecem o que é.

Em seguida, mostramos os dados relativos à tabela 4, a qual relaciona o conhecimento dos adolescentes quanto aos métodos para se evitar DST.

Os dados mostraram que os adolescentes sabem que camisinha é um excelente instrumento para se evitar DST. Entretanto, 19 jovens do sexo feminino (13,57%) citaram a pílula anticoncepcional como forma de se evitar DST, o que não é verdadeiro.

Tabela 4. Relaciona o conhecimento dos adolescentes quanto aos métodos para se evitar Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Métodos	Masculino	Feminino	Frequência Relativa
Antibiótico	1	0	0,71%
Camisinha	33	60	66,43%
Pílula anticoncepcional	2	19	15,00%
Camisinha Feminina	1	22	16,43%
DIU	1	1	1,43%
Antiinflamatório	0	0	0,00%
Total de respostas	38	102	100,00%

A tabela 5 relaciona o conhecimento dos adolescentes quanto às fontes para se obter informações sobre DST.

Os dados mostraram que tanto meninos quanto meninas ainda procuram revistas, amigos e familiares para obterem informações sobre DST/AIDS, o que pode levar à obtenção de dados equivocados, expondo os jovens às situações de risco, tais como, contrair uma doença ou mesmo de uma gravidez indesejada.

Os meninos também procuram revistas e familiares, entretanto, os dados mostraram que eles lêem menos revistas e procuram mais a escola para obter informações sobre DST/AIDS, como fica evidente nos dados da tabela 5.

Tabela 5. Relaciona o conhecimento dos adolescentes quanto aos veículos para se obter informações sobre DST.

Fontes	Masculino	Feminino	Frequência Relativa
Internet	12	17	9,9%
Jornais	4	5	3,1%
Escola	29	53	27,9%
Livros	7	30	12,6%
Revistas	5	25	10,2%
Amigos	17	38	18,7%
Familiares	16	35	17,3%
Sem resposta	1	--	0,3%
Total de respostas	91	203	100,0%

Após a intervenção, realizamos uma nova coleta de dados para investigar os efeitos do plano pedagógico realizado com os alunos.

Os sujeitos, que participaram da fase pós-intervenção, apresentaram renda familiar entre 1 a 3 e entre 4 a 6 salários mínimos (84,6%). Os outros 15,4% possuem renda familiar acima de 7 salários mínimos ou não respondeu. O que é similar ao perfil econômico do grupo pré-intervenção (86% entre 1-3 e 4-6 salários mínimos).

Quando questionados sobre qual local para se buscar ajuda para tratamento de DST, 100% responderam UBS e hospital.

A questão que abordou o conhecimento sobre as doenças que são DST e as que não são, bem como as vias de transmissão destas doenças, não mostrou resultados significativos após a intervenção. Já que no grupo pós-intervenção 47,32% dos participantes continuava respondendo que Pneumonia, catapora e sarampo, por exemplo, são DST e 52,68% dos participantes responderam que Sífilis, SIDA, Hepatite B são DST.

Esses dados são similares aos obtidos com o grupo pré-intervenção, os quais 45,4% responderam de forma errada a questão e 54,4% responderam corretamente a questão, sendo que, 0,2% dos entrevistados não responderam a questão.

Sobre como se evitar contrair uma DST, 18,75% dos entrevistados, do grupo pós-intervenção, responderam que pílula anticoncepcional seria uma boa alternativa para tal finalidade. Enquanto que, no grupo pré-intervenção, 15% dos entrevistados responderam que pílula anticoncepcional evita DST.

Quanto ao local para se buscar informações sobre DST/AIDS e risco de gravidez, o grupo pós-intervenção respondeu da seguinte maneira: 36% livro e escola; 21% Internet; 32% familiares, amigos e revistas; 7% jornais e 4% não responderam.

No grupo pré-intervenção, os dados mostraram que 40,5% livros e escola; Internet 9,9%; 46,2% familiares, amigos e revistas; 3,06% jornais e 0,34% não responderam.

DISCUSSÃO

A adolescência passou a ocupar, nas últimas décadas, o centro de interesse para investigação nas áreas das ciências humanas e biológicas, já que há um aumento de casos de infecções pelo HIV e pelas DST entre os adolescentes (SOUZA *et al.*, 2004)

Isto é devido ao pouco conhecimento dos jovens em assuntos relacionados com a sexualidade e ao preconceito, que os fazem pensar que AIDS e DST estão relacionados com homossexualismo, utilização de drogas injetáveis ou profissionais do sexo (SOUZA *et al.*, 2004).

De acordo com os nossos dados, fica claro que o adolescente, atualmente, sabe que sexo deve ser feito com preservativo masculino (camisinha) ou com camisinha feminina. Isto está intimamente relacionado com as campanhas sobre HIV/AIDS vinculadas à mídia televisiva, mantida pelo governo federal.

Este dado vem em sentido contrário do apresentado por ISOLAN *et al.*, (2001), os quais mostraram que cerca de 86% dos adolescentes consultados, em uma entrevista, disseram não utilizar preservativo durante a relação sexual. FAÇANHA *et al.*, (2004), também, relataram o uso inconsistente do preservativo por jovens dos ensinos Médio e Fundamental da cidade de Fortaleza – Ceará.

Um dado que chama atenção, conforme apresentado na tabela 4, é o fato de várias adolescentes terem respondido que a pílula anticoncepcional é um meio eficaz

para se evitar DST. Correndo, então, o risco de trocar o preservativo por este método, como relatado por VIEIRA *et al.*, (2004), os quais relataram que o uso inconsistente do preservativo estava relacionado ao uso de anticoncepcional, conforme relatado pelas adolescentes na entrevista.

Este dado preocupa e deve ser tratado em sala de aula pelos professores, principalmente, do Ensino Médio, para esclarecer que a pílula anticoncepcional é um ótimo método para se evitar gravidez, mas, no entanto, não protege contra DST/AIDS.

Os jovens sabem que o melhor lugar para procurar ajuda é um hospital ou uma Unidade Básica de Saúde (UBS), embora alguns tenham respondido farmácia. A farmácia não é um local adequado para se buscar ajuda, visto que o balconista pode ser despreparado e passará informações totalmente equivocadas (GIR *et al.*, 2003).

Outro dado preocupante, obtido através deste estudo, está relacionado com o conhecimento dos adolescentes sobre doenças infecto-contagiosas transmitidas por via sexual e por outras vias.

Este tipo de equívoco que o adolescente comete é uma nítida falha pedagógica do professor da área das ciências biológicas, o qual deveria abordar tais temas de forma adequada na sala de aula (SOUZA *et al.*, 2004).

GIR *et al.*, (2004), mostraram que 62% das mulheres soropositivas ao HIV-1, entrevistadas no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto (USP), relataram desconhecer a via de transmissão do HIV.

Os dados sobre como os adolescentes procuram informações sobre DST/AIDS mostraram que muitos deles buscam a fonte menos adequada para tratar do assunto, embora a maioria seja adequada procurando livros específicos e a escola para obter informações sobre DST/AIDS.

Não está errado o jovem procurar auxílio com seus pais, tios, avós, primos. Este não é o problema. O problema é se estas pessoas têm a capacitação necessária para tratar do tema adequadamente, além de conseguirem deixar seus preconceitos fora da conversa, deixando o jovem tomar as decisões de acordo com seu julgamento.

A busca da Internet também preocupa, pois é um excelente veículo de informações, mas, no entanto, pode trazer várias informações inadequadas, uma vez que qualquer um pode montar seu *site* na rede.

Um resultado que chama atenção, refere-se aos meninos. Pela análise dos dados, fica evidente que o sexo masculino começa a se preocupar com sua saúde tentando preservá-la, o que aumenta e muito sua auto-estima, bem como melhora seu



relacionamento com outras pessoas, do mesmo sexo e do sexo oposto, diminuindo as diferenças de gênero.

Os dados revelam que mudar conceitos e afastar o jovem das situações de risco é um trabalho árduo. Ficou claro, nesta pesquisa preliminar, que o trabalho com os jovens deve ser contínuo, a fim de deixá-los informados, bem como corrigir erros conceituais.

Esta tarefa deve ser exercida pela escola, pelos professores e pais, os quais devem procurar informações sobre DST/AIDS.

Algumas DST têm cura, outras têm cura, mas deixam seqüelas que tornam a pessoa infértil, por exemplo.

O HIV acaba levando o indivíduo à morte, embora a qualidade e perspectiva de vida das pessoas soropositivas tenham melhorado, consideravelmente, nos últimos anos, com as drogas utilizadas. Contudo, as drogas não são capazes de curar as pessoas contaminadas.

Sendo assim, o melhor medicamento a ser utilizado é a informação e o uso de preservativo nas relações sexuais. E os jovens precisam saber disso.

CONCLUSÃO

De acordo com o observado, nesta primeira coleta de dados, fazemos as seguintes considerações:

1. Os adolescentes sabem que os melhores lugares para se obter tratamento de uma DST são no hospital ou em UBS.
2. Os adolescentes sabem que camisinha é um excelente método para se evitar DST.
3. Contudo, os adolescentes, pensam que pílula anticoncepcional é um método para se evitar DST, mas não é. É um excelente método contraceptivo.
4. Os adolescentes ainda buscam informação sobre DST, risco de gravidez, formas de transmissão de DST e outras com familiares e amigos.
5. Vários adolescentes não sabem que SIDA é a mesma coisa de AIDS.
6. Vários adolescentes PENSAM que Pneumonia, Sarampo, Caxumba e Catapora são DST.



7. Vários adolescentes DESCONHECEM que Hepatite B, Cancro mole, Sífilis e Gonorréia são DST.

Diante de alguns dados preocupantes que constatamos nesta coleta de dados, propomos algumas ações a serem realizadas, com a finalidade de minimizar as situações de risco a que o jovem pode ser submetido:

- Ações conjuntas entre Ensino Superior e professores dos ensinos Fundamental e Médio.
- Implementação de oficinas, teatros ou alguma atividade que discuta o tema DST continuamente.
- Ênfase do professor de Ciências e/ou Biologia, dentro da sala de aula, sobre doenças infecto-contagiosas, mostrando, aos alunos, as diferentes formas de transmissão.
- Discussão em classe entre professores e alunos, sobre formas de prevenção de DST, formas de prevenção contra gravidez, custo/benefício de uma gravidez.

As perguntas a serem feitas são as seguintes: o que queremos para os nossos jovens? Queremos vê-los com AIDS, Sífilis, Gonorréia, sendo discriminados por tudo e todos? Perdendo e perdendo, em vez de ganhar?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONETTO, D.; CRUZ, F.M.M.; CARNEIRO, R.M. *Doenças sexualmente transmissíveis (DST), AIDS e Hepatite B: antigas preocupações, novos desafios*. Adolescência Latino-americana, v.1, p.137-138, 1998.

BRASIL, Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Bases Técnicas para Eliminação da Sífilis Congênita**. Brasília, DF. 1999.

FAÇANHA, M. C.; MENEZES, B. L. F.; FONTENELE, A. D. B.; MELO, M. A.; PINHEIRO, A. S.; CARVALHO, C. S.; PORTO, I. A.; PEREIRA, L.O.C. *Conhecimento sobre reprodução e sexo seguro de adolescentes de uma escola de Ensino Médio e Fundamental de Fortaleza – Ceará*. J. Bras. Sex. Transm. v.16, p.5-9, 2004.

FLORES Y.; SHAH K.; LAZCANO E.; HERNANDEZ M.; BISHAI D.; FERRIS D. G.; LORINCZ A.; HERNANDEZ P.; SALMERON J. *Design and methods of the evaluation of an HPV-based cervical cancer screening strategy in Mexico: The Morelos HPV Study*. Salud Pública de Mexico, 44 (4), p.335-343, 2002.



GIR, E.; CANINI, S.R.M.S.; PRADO, M.A.; CARVALHO, M.J.; DUARTE, G.; REIS, R.K. *A feminização da AIDS: conhecimento de mulheres soropositivas sobre a transmissão e prevenção do HIV-1*. J. Bras. Sex. Transm. v.16 (3), p.73-76, 2004.

ISOLAN, T. B.; CARVALHO, A. W.; ALMEIDA FILHO, G.L.; PASSOS, M. L.. R.; BRAVO, R. S.; PINHEIRO, V. M. S. *Perfil do atendimento ao adolescente no setor de doenças sexualmente transmissíveis da Universidade Federal Fluminense*. J. Bras. Sex. Transm, v.13, p.9-30, 2001.

LEIGH, B. C. *Alcohol and condom use*. Sex Transm Dis, v.29, n.8, p.476-482. 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE - Programa Nacional de DST's/AIDS: (Dez. 95 - Fev. 96)
Boletim Epidemiológico de AIDS. São Paulo: Ministério da Saúde; 1996.

SOUZA, M.M.; BORGES, I.K.; MEDEIROS, M; TELES, S.A.; MUNARI, D.B. *A abordagem de adolescentes em grupo: o contexto da educação em saúde e prevenção de DST*. J. Bras. Sex. Transm. v.16 (2), p.18-22, 2004.

VIEIRA, M.A.S.; GUIMARÃES, E.M.B.; BARBOSA, M.A.; TURCHI, M.D.; ALVES, M.F.C.; SEIXAS, M.S.C.; GARCIA, M.M.D.; MINAMISAVA, R. *Fatores associados ao uso do preservativo em adolescentes do gênero feminino no município de Goiânia*. J. Bras. Sex. Transm. v.16 (3), p.77-83, 2004.

VITIELLO, N. *O que é normal em sexualidade*. RBM-Rev. de Atualização de Ginecologia e Obstetrícia. 8(3), p.34-35, 1997.

VITIELLO, N. *Um breve histórico. Histórico do estudo da sexualidade humana*. RBM-Rev. de Atualização de Ginecologia e Obstetrícia, 8(3), p.126- 132, 1997.

Prof. Fábio R. Lombardi
e-mail: renatolombardi@ig.com.br
UNIJALES – Centro Universitário de Jales – Unidade Central
Fone (17) 3622-1620
Av. Francisco Jalles, n.º 1.851
CEP: 15700-000
Jales - SP



Revista Científica do Centro Universitário de Jales
II Edição (2007); ISSN: 1980-8925
<http://reuni.unijales.edu.br/>